

987

LIVRARIA DO LAVRADOR

XXI

987

Est.

4

Tab.

24

N.º

722

DOENÇAS INTERNAS

NÃO CONTAGIOSAS

DOS

ANIMAIS DOMESTICOS

POR

J. V. Paula Nogueira

Professor da Escola de Medicina Veterinária



PORTO

Officinas de «O Commercio do Porto»

102—Rua do «Commercio do Porto»—112

1925

RC
MNCT
63
NOG

Ventura & Coelho, L.^{da}

CASA BANCARIA

SÃQUES SOBRE PRAÇAS ESTRANGEIRAS

Moedas, notas, coupons,

:: e Papeis de Credito ::

DEPOSITOS
A' ORDEM E A PRAZO

PRATA E OURO
EM BARRA

5, Rua Sá da Bandeira, 7

PORTO

Tele } grammas: Venelhos
 } phone: 118

LIVRARIA DO LAVRADOR

XXI

DOENÇAS INTERNAS

NÃO CONTAGIOSAS

DOS

ANIMAIS DOMÉSTICOS

POR

J. V. Paula Nogueira

Professor da Escola de Medicina Veterinária



BIBLIOTECA NACIONAL
MUSEU DE COIMBRA

RC

MAXT

63

NUG



PORTO

Officinas de «O Commercio do Porto»

102—Rua do «Commercio do Porto»—112

1925



PREFACIO

Ha muito tempo que se faz sentir em Portugal a falta de um livro, escrito em linguagem chã, ao alcance de todos, e no qual os donos de animais domésticos encontrem facilmente as indicações práticas necessárias para, no caso de doença e na falta de médico-veterinário, saberem o tratamento mais simples, eficaz e econômico para restituir a saúde ao doente.

Teem apparecido em lingua portuguesa, de longe em longe, alguns livros cujos autores pretenderam realizar esse fim, mas esbarraram no grave inconveniente de não pôrem o leitor, estranho á medicina veterinária, em condições de, folheando o livro, poder diagnosticar a doença, por meio dos sintomas observados, ficando por isso na impossibilidade de achar e empregar o tratamento adequado.

Movido por essa difficuldade, redigimos o

presente livrinho de maneira que o leitor, partindo dos sintomas que o doente lhe apresenta, faça por si mesmo o diagnóstico e veja, portanto, o tratamento que para o caso lhe aconselhamos. Com este fim, num capítulo especial, reunimos os sintomas em diversos grupos, cada um dos quais corresponde a uma doença. A esse capítulo demos o título de **Chave das Doenças** e julgamos ter assim prestado aos proprietários de animais um serviço bastante útil, embora saibamos que as doenças não teem sempre os mesmos sintomas em todos os doentes.

Tanto na descrição das doenças, como na exposição do seu tratamento, empregámos a maior concisão, excluindo tudo quanto reputámos inútil para o fim que o leitor naturalmente procura neste livro.

Para facilitar ainda mais a solução do pro-

blema do diagnóstico, que é o essencial, fizemos um ÍNDICE ALFABÉTICO suficientemente copioso, para que o leitor consiga, pela colheita dos sintomas, chegar ao conhecimento da doença e, portanto, do seu tratamento.

Por último, é necessário dizer que, nos casos graves e de difícil diagnóstico, ninguém deve deixar de reclamar a visita do médico-veterinário, sempre que possível fôr, pois doenças ha que só um veterinário pôde diagnosticar.

Sinais de saúde

Nêste livro temos de nos ocupar das principais doenças internas dos seguintes animais domesticos :

I. Herbívoros	{ Solípedes ou equídios	{ Cavalos Jumentos Muare
II. Carnívoros		{ Caninos —Cães Felinos —Gatos
III. Omnívoros	{ Suinos	{ Porcos
IV. Aves de capoeira	{ Galináceos .	{ Galinhas Perús
	{ Palmípedes .	{ Patos Gansos

Cada animal, segundo a sua especie, quando está de saúde, apresenta sinais que toda a gente conhece. Esses sinais observam-se principalmente na attitude do animal, quanto á posição da cabeça,

do pescoço, do tronco, dos membros e até da cauda.

Na cabeça, estando o animal de pé, notam-se a vivacidade do olhar, a posição das orelhas, a abertura das narinas, os movimentos dos lábios, o levantar, o abaixar e o voltar para qualquer lado a cabeça. O pescoço segue forçosamente esses movimentos, erguendo-se, baixando-se ou voltando-se para os lados. O tronco mantém a sua linha proximamente horizontal e a cauda agita-se com mais ou menos vivacidade, segundo as circunstancias.

No porco, a cauda normalmente está enrolada em forma de saca-rôlhas.

Quando deitados, a posição dos animais, no estado de saúde, varia também conforme a sua especie. Toda a gente sabe que os solípedes ou equídios, isto é, os cavalos, os burros e os muarres, deitam-se geralmente de lado, estendendo o pescoço, a cabeça e os membros, variando, porém, com frequencia, de posição.

O boi tem o decúbito diferente, pois se deita um pouco de lado e sobre o ventre, com os membros encurvados, ficando com o pescoço e a cabeça um tanto no ar.

Nos outros animais, como o cão, o gato, etc., as atitudes, tanto de pé como deitados, são demasiado conhecidas, para que nelas devamos insistir.

Os equídios, quando de pé, tem os quatro membros proximamente verticais, levantando, porém, ora um, ora outro, como para o descansar do peso do corpo. A's vezes, o cavallo estende para traz um dos membros posteriores, em ar de espreguiçamento ou *pandiculação*.

A péle nos animais sãos é elástica, levemente untuosa, destacando-se facilmente, e os pêlos estão lisos, bem acamados e reluzentes.

Outro importante sinal de saúde é o que se observa na respiração. Esta aprecia-se mais no flanco do que nos costados e consiste num movimento de vai-vem, correspondente á entrada e saída do ar no peito. O numero dêstes movimentos varia conforme a especie do animal e a sua idade, sendo, em regra, mais frequente nos animais novos.

A média das respirações, por minuto, é a seguinte, nos animais adultos, em estado de saúde, durante o descanso :

No cavallo, burro e mulo.....	14
No boi.....	16
No carneiro e cabra.....	25
No cão.....	18

O exame da conjuntiva ou mucosa dos olhos mostra uma côr levemente rosada. Para observar a conjuntiva, devemos servir-nos dos dedos indicador e polegar. Colocamos o primeiro no canto interno do olho, carregando sobre a pálpebra superior, e com o polegar baixamos a pálpebra inferior, pondo assim a descoberto a membrana nictitante ou terceira pálpebra, que examinamos detidamente.

O pulso tambem fornece sinais para o conhecimento do estado de saúde. Para isso palpa-se a artéria glosso-facial que, no cavallo (fig. 1), cruza o ramo do queixo interior; no boi (fig. 2), a mesma artéria, ou as coccigeas, na face inferior da base da cauda; no cão, gato, carneiro e cabra (fig. 3), as artérias femoral e humeral, que se encontram

respectivamente a meio da face interna da coxa e do braço; no porco, a artéria posterior da orelha.

O numero de pulsações, por minuto, é:

No cavalo	38
No jumento e no mulo	45
No boi.	42
No carneiro, cabra e porco .	80
No cão.....	90 a 100
No gato.....	130

Além disto, o pulso, no estado de saúde, bate com uma força média debaixo do dedo.

Pondo a mão sobre o lado esquerdo do peito, logo atraz do codilho ou extremidade inferior do



FIG. 1 - Apreciação do pulso no cavalo

braço, sentem-se as pulsações do coração, que devem ser iguais ás das artérias.

No estado de saúde, todos os animais sentem appetite ou vontade de correr a horas certas.

As pessoas práticas no conhecimento dos ani-

mais sabem o que cada um d'êles costuma comer em qualidade e quantidade, de modo que qual-



FIG. 2—Apreciação do pulso no boi

quer desvio logo significa alteração da saúde. O mesmo se nota com a sêde e a bebida.

Tambem se colhem sinais de saúde na obser-



FIG. 3—Apreciação do pulso na cabra

vação dos excrementos e das urinas, atendendo á sua quantidade, aspecto e frequencia.

A temperatura do corpo é outro sinal de saúde.

Aprecia-se a temperatura interior, introduzindo no anus do animal um termómetro apropriado, e deixando ficar aí o instrumento durante, pelo menos, um minuto. A temperatura, nos diferentes animais, é a seguinte:

No cavalo, burro e mulo.....	38°
No boi	39°
No carneiro e cabra.....	39°,5
No cão e gato	39°
No porco	39°,5
Nas aves	40°

Os animais novos tem geralmente temperatura interior mais alta que os adultos.

A temperatura da pele tambem nos instrui ácerca da saúde dos animais. Coloca-se a mão, quando não está fria nem quente, sobre a pele em diferentes regiões, e nos animais bovinos, ovinos e caprinos, tambem sobre a base dos chifres e nas orelhas.

Todas essas regiões, no estado de saúde, devem ter um calor moderado; se umas estiverem quentes e outras frias, é sinal de doença.

Pela actividade ou moleza do animal no trabalho, praticamente se conhece tambem se êle está são ou doente.

II

Sinais de doença

Conhecidos os sinais de saúde, facilmente se verifica qualquer estado de doença, em geral.

Atende-se a cada uma das funções que no primeiro capítulo foram indicadas, observando-se, portanto, a atitude do animal, quer de pé, quer deitado; o estado da pele e dos pêlos; a forma da respiração e do pulso; a mucosa ocular; o apetite; a micção e a defecação; a temperatura interior e exterior; e tudo mais que não pareça próprio do animal em estado de saúde.

Na maior parte das doenças agudas, os ruminantes deixam de ruminar ou remoer e os porcos desenrolam a cauda, escondem-se entre as palhas da cama, gemem e grunhem demasiado, quando alguém os procura.

A febre ou aumento da temperatura, em todos os animais, acompanha-se de inapetencia, tristeza, pulso e respiração apressados.

Só os médicos-veterinários é que sabem empregar, com êxito, certos meios de exame, como a percussão e a auscultação, para diagnosticar mais rigorosamente algumas doenças.

O leitor, leigo em medicina veterinária, tem de exercitar as suas faculdades de observação dos sintomas e lesões das doenças, colhendo em cada caso o maior número possível de sinais, e devendo procurar em seguida, no capítulo CHAVE DAS DOENÇAS, o grupo de sintomas igual ou proximamente igual aos sinais por êle próprio observados. Ficarão sabendo assim o nome da moléstia a que esses sinais pertencem e, lendo no capítulo respectivo a descrição da doença, aí encontrará o tratamento que deve aplicar.

III

Chave das doenças

Como o proprietário dos animais geralmente não é veterinário, não tem facilidade de diagnosticar qualquer moléstia pela observação dos sintomas. Em regra, cada sintoma é comum a várias doenças, de modo que o observador, faltando-lhe conhecimentos médicos, não sabe a qual delas pertencem os sintomas que o doente lhe apresenta, e não pôte, portanto, procurar o tratamento adequado.

Com o fim de facilitar ao leitor o diagnóstico de cada uma das moléstias consideradas neste livro, vamos estabelecer uma série de quadros em que de um lado estão inscritos os sintomas principais de cada doença, e do outro o nome dela. Ao leitor, percorrendo esses diversos agrupamentos de sintomas, não resta mais do que, pelo índice alfabético, procurar no texto a doença que lhe diz respeito e vêr o tratamento que a ela compete. Devemos, porém, advertir que raramente se apresentam reunidos no mesmo doente todos os sintomas característicos duma moléstia; por isso, um

grande médico dizia que não ha doenças, mas sim doentes.

Grupos de sintomas

Doenças correspondentes

Doenças do aparelho digestivo

Vermelhidão da bôca	}	<i>Estomatite</i>
Inchação da bôca		
Calor da bôca		
Dôr da bôca		
Secura, depois		
Salivação		
Sêde viva		
Inapetencia		

Rejeição dos alimentos e bebidas pelas ventas, nos solípedes	}	<i>Faringite</i>
Vermelhidão da faringe		
Inchação da faringe		
Dôr da faringe		
Salivação		
Sensibilidade exagerada na região exterior da garganta		
Ingurgitamento da garganta		

Lingua grossa e suja ou saburrosa	}	<i>Gastrite</i>
Inapetencia		
Sêde viva		
Dôr no epigastro ou bôca do estômago		
Vômitos nos carnívoros e omnívoros		
Prião do ventre		
Febre		
Cólicas nos solípedes		
Aventamento nos ruminantes ..		

Prisão do ventre, alternando com:

Diarréa

Inapetencia

Sêde

Cólicas

Aventamento

Febre

Enterite

Ilhal direito aventado nos solípe
des.

Ilhal esquerdo aventado nos ru-
minantes

Conjuntivas injectadas.

Respiração apressada e anciosa

Meteorismo

Movimentos desordenados

Raspar o chão com as patas an-
teriores

Deitar-se e levantar se a meúdo

Aventamento.

Tentativas inúteis de micção e
defecação

Gemidos e outras manifestações
de dôr.

Cólicas

Aberrações do appetite.

Comer corpos estranhos, por ex.:
cal, lâ, penas, etc.

Picacismo

Vermes nas dejeccões

Emmagrecimento

Verminose intestinal

Amarelidão dos olhos, da bôca e
da péle.

Urinas muito amarelas

Dejeccões raras, descóradas e re-
luzentes

Ictericia

Ventre muito retraído.....	} <i>Peritonite</i>
Espinha arqueada.....	
Membros muito juntos	
Respiração difícil.....	
Aspecto geral doloroso.....	
Torpôr.....	
Inapetencia.....	
Sêde viva.....	
Prisão do ventre.....	
Cólicas.....	
Aventamento.....	} <i>Peritonite</i>
Vômitos nos carnívoros e omni- voros	

Volume exagerado do ventre, sem aventamento	} <i>Ascite</i>
Inchaço mole dos membros....	
Emmagrecimento	
Conjuntivas pálidas.....	
Sêde viva.....	
Micção frequente, mas pouco abundante	

Prostração súbita	} <i>Envenenamentos</i>
Cólicas	
Vômitos nos carnívoros e omni- voros.	
Diarréa.....	
Ausencia de febre.....	

Doenças do aparelho respiratorio

Espirros	} <i>Coriza</i>
Vermelhidão da pituitaria....	
Secura, depois:	
Corrimento nasal bilateral, ás vezes sanguinolento	
Ingurgitamento das glandulas da garganta	

Tosse sêca e repetida.....	}	<i>Laringite</i>
Ingurgitamento quente e doloroso da região externa da garganta		
Corrimento nasal.....		
Respiração difficil e sibilante ...		
Febre no começo		
Tosse, primeiro sêca, depois gorda	}	<i>Bronquite</i>
Respiração difficil.....		
Corrimento nasal, bilateral.....		
Febre		
Inapetencia.. ..		
Conjuntivas vermelhas e lacrimosas.....		
Tosse violenta	}	<i>Bronquite verminosa</i>
Respiração difficil.....		
Corrimento nasal abundante ..		
Magreza.....		
Anemia... ..		
Febre grande e persistente	}	<i>Pneumonia</i>
Inapetencia		
Tristeza		
Conjuntivas vermelhas		
Pulso apressado		
Respiração frequente.....		
Tosse difficil e rara		
Mal-estar súbito	}	<i>Congestão pulmonar</i>
Respiração acelerada e anciosa .		
Ventanas dilatadas		
Corrimento nasal espumoso, ás vezes sanguinolento		
Pancadas frequentes e violentas do coração		
Suores frios		
Conjuntivas arroxadas		

Febre alta	} <i>Pleurisia</i>
Pulso frequente	
Respiração irregular, com expiração mais longa que a inspiração	
Dôr nos costados	
Tosse pequena e sêca	
Inapetencia	

Respiração sobresaltada, sendo a expiração interrompida a meio	} <i>Pulmoeira</i>
Tosse	
Dilatação das ventas	
Movimentos de vai-vem do anus	
Fraqueza geral	
Magreza	

Doenças do aparelho circulatorio

Pulso arterial apressado, outras vezes lento, grande ou pequeno	} <i>Cardiopatias</i>
Pulso venoso, na jugular ou veia do pescoço	
Fraqueza geral	
Edemas em diversas regiões	

Febre	} <i>Pericardite traumática</i>
Inapetencia	
Tristeza	
Falta de ruminação	
Fraqueza geral	
Emmagrecimento	
Arrotos fétidos	
Pancadas do coração fracas	
Pulso arterial fraco	
Pulso venenoso na jugular	
Conjuntiva arroxada	
Edema da garganta e pescoço	
Respiração difficil	
Tosse pequena	

Frequência geral	} <i>Anemia</i>
Emmagrecimento	
Edemas ou inchações	
Conjuntiva pálida	
Pulso frequente e fraco	
Inapetencia	
Diarréa, alternando com:	
Prisão do ventre	

Doenças do aparelho urinario

Sensibilidade exagerada dos rins	} <i>Nefrite</i>
Espinha arqueada	
Membros posteriores afastados	
Marcha difficil	
Cólicas	
Vômitos nos carnívoros	
Prisão do ventre	
Urinas frequentes, mas pouco abundantes, sanguinolentas ás vezes	
Febre	

Micção frequente, mas difficil...	} <i>Cistite</i>
Urina pouco abundante, ás vezes sanguinolenta	
Grande inquietação	
Cólicas	

Urinas escuras, ferruginosas ou sanguinolentas	} <i>Hematúria</i> <i>Hemoglobinêmia</i> <i>Nefrite</i> <i>Cistite</i>

Inchação, dôr e paralisia súbita dos rins e membros posteriores	} <i>Hemoglobinêmia</i>
Marcha difficil	
Quêda no chão	
Dificuldade ou impossibilidade de levantar-se	
Urinas escuras ou vermelhas ...	

Doenças do aparelho genital

Falta de cio, ou:.....	} <i>Impotencia e esterilidade</i>
Falta de erecção, ou:.....	
Falta de concepção.....	
Excesso de ardor genésico.....	} <i>Satiriase e ninfomania</i>
Inquietação.....	
Emmagrecimento.....	
Febre consecutiva ao parto....	} <i>Febre puerperal</i>
Prostração geral.....	
Paralisia do terço posterior....	

Doenças do aparelho nervoso

Torpôr ou estupidez, alternando com excitações cerebrais.....	} <i>Imobilidade</i>
Posições demoradas e extrava- gantes dos membros.....	
Cabeça imóvel.....	
Esquecimento da comida na boca	
Dificuldade ou impossibilidade de recuar ou de ladear.....	
Torpôr, alternando com excita- ções.....	} <i>Meningo-encefalite</i>
Excessiva sensibilidade para a luz e para os ruídos.....	
Conjuntivas injectadas.....	
Membros presos.....	
Inapetencia.....	
Febre.....	
Fraqueza dos rins.....	} <i>Mielite</i>
Marcha irregular, vacilante ou entrecruzando os membros posteriores.....	
Micção e defecação raras e difi- cets.....	
Paralisia crescente dos musculos do terço posterior.....	

Exposição ao sol ou acumulação de animais num recinto estreito	}	<i>Sufocação e insolação</i>
Sufocação		
Palpitações		
Anciedade		
Falta de ar		
Conjuntivas arroxadas		
Suores frios		
Vacilação do terço posterior		
Queda no chão	}	
Febre alta		

Queda súbita no chão	}	<i>Epilepsia</i>
Convulsões		
Revolvimento dos olhos nas orbitas		
Rangido de dentes		
Gemidos		
Espuma pela bôca		
Respiração tumultuosa		
Micção e defecação involuntarias		

Inconsciencia	}	<i>Torn'do</i>
Perturbações dos sentidos		
Estupor		
Cegueira		
Marcha irregular para a frente ou em circulo		
Paralysias		
Manqueiras		
Convulsões		
Vertigens		

Doenças do aparelho locomotor

Aparição súbita de dôres e ingurgitamento nos músculos ou nas articulações	}	<i>Reumatismo</i>
Manqueiras variaveis		

Esqueleto reduzido)
Deformações osseas)
Encurvamento ou torção dos membros) *Raquitismo*
Fraqueza geral.)

Moleza dos ossos)
Flexão ou torção dos membros) *Osteomalacia*
Manqueiras)
Fraqueza geral)

IV

Descrição das doenças

Sendo o organismo dos animais formado de diversos aparelhos e compondo-se estes de varios órgãos, vamos descrever as doenças de cada aparelho, segundo os órgãos affectados.

DOENÇAS DO APARELHO DIGESTIVO

Estomatite ou inflamação da bôca

Nos animais novos o nascimento dos dentes e mais tarde o seu estado irregular podem provocar a estomatite, que tambem ás vezes é causada por alimentos ruins.

Os cães são os animais que com maior frequencia sofrem dêste mal.

Conhece-se a estomatite pela vermelhidão, calor exagerado, dôr e inchação da mucosa da bôca, com sequeidão da mesma, e depois salivação abundante, tristeza, falta de appetite e sêde viva.

A's vezes estes sinais estão localizados só nas gengivas, como frequentemente se vê nos cães; outras vezes estendem-se aos lábios, ao paladar, ás faces, á lingua e até mesmo á parte posterior da bôca. Ha estomatites complicadas com a presença de aftas ou bôlhas, pústulas, erosões ou feridas, úlceras e abcessos.

O tratamento da estomatite limita-se á grossagem ou extracção dos dentes irregulares ou estragados, mudança do regimen alimentar, administrando ao cão e ao gato leite e sôpas de leite, carne e sôpas de carne; e aos animais herbívoros (cavalo, burro, muares, bois, carneiros e cabras) erva verde, fêno macio, grãos cozidos ou macecados. Completa-se o tratamento com a administração de colutórios, isto é, injeccões, á bôca, de líquidos mornos, como é a agua, tendo em dissolução algum medicamento desinfectante ou adstringente. Exemplos:

Bórax.....	30 gramas
Agua fervida.....	1 litro
Mel ou xarope.....	Quanto baste para adoçar levemente
Cresil ou creolina....	20 gramas
Agua fervida.....	1 litro
Vinagre.....	50 gramas
Mel.....	30 »
Agua fervida.....	500 »

Sal.....	30 gramas
Vinagre.....	50 »
Cozimento de altea ou de cevada.....	1 litro
Clorato de potassa....	30 gramas
Cozimento de malvas ou de sementes de linho.....	1 litro

Se a estomatite é complicada de aftas, pústulas ou úlceras, convém tocar levemente essas lesões com um pincel molhado em tintura fresca de iodo.

Send' crónica a estomatite, é útil limpar a lingua e as gengivas com uma escova de pêlos brandos, administrando em seguida um dos colutórios acima indicados. A administração de qualquer colutório faz-se, injectando o líquido, com uma seringa, dirigida de modo que o jacto não vá direito á garganta.

Angina faríngea, faringite ou inflamação da faringe

A inflamação da bôca estende-se frequentemente á parte posterior, isto é, á *faringe*, mas ás vezes esta inflama-se independentemente da bôca.

Os sinais da faringite são quasi os mesmos que os da estomatite, notando-se na mucosa faríngea a vermelhidão, a dôr e o inchaço. Por fóra, abaixo das orelhas, até á região inferior da garganta, ha sensibilidade exagerada e ingurgitamento mole ou pastoso. O animal tem diticuldade

em engulir os alimentos e as bebidas; sendo solípede, rejeita-os pelas ventas.

O apetite geralmente persiste, mas o doente não se alimenta, por causa da dificuldade da deglutição.

Esta doença tem também o nome vulgar de *esquinencia*.

A faringite complica-se quasi sempre com a laringite ou inflamação da laringe, órgão vizinho; mas neste caso a tosse é o sintoma dominante.

Ha faringites complicadas de abcessos e essas são muito graves.

O tratamento é externo e interno.

Externamente empregam-se compressas frias ou quentes sobre a região correspondente. Em vez das compressas, podemos fazer fricções com pomada de beladona ou de canfora, de populeão ou de iodeto de potassio.

Internamente trata-se pelos processos indicados para a inflamação da bôca.

Gastrite ou inflamação do estômago

A *gastrite* ou inflamação do estômago acompanha quasi sempre a do intestino, dando a *gastro-enterite*. Pôde, porém, estar inflamado o estômago, sem que o intestino o esteja.

Nos cães é frequente a gastrite e mais ainda a gastro-enterite; o mesmo succede no porco. Os solípedes são menos atacados de gastrite do que os ruminantes, inflamando-se nestes ora a pança (rúmen), ora o barrete, o folhoso ou o coagulador. Este último é o verdadeiro estômago dos ruminantes.

A inflamação do folhoso tem o nome vulgar de *entrefôlho*.

Em todos os animais a gastrite pôde ser mais ou menos intensa e em todos se manifesta por inapetencia, sede viva e dor á palpação do epigastro ou *bôca do estômago*. Abrindo a bôca ao doente, nota-se-lhe a língua esbranquiçada, suja ou saburrosa, coberta duma camada viscosa, com mau cheiro; não raro as bordas da língua estão avermelhadas. Sendo a gastrite intensa, o animal tem febre. Acompanha-se tambem ás vezes de prisão do ventre.

Nos cães, gatos e porcos acrescemos a estes sintomas os vômitos, mais ou menos frequentes.

No cavallo, jumento e muares a gastrite, além dos sintomas já indicados, pôde provocar dores de *cólica*, as quais apparecem pouco depois do animal comer e conhecem-se, vendo o animal raspar o chão com as mãos, mostrar-se inquieto, olhar para um dos ilhais, deitar-se e levantar-se a meúdo, procurar urinar e defecar, sem o conseguir (*Vêr Cólicas*).

Os ruminantes, além dos sintomas comuns acima descritos, deixam de ruminar e por vezes *aventam*, o que se conhece pela exaggerada elevação do ventre, mais acentuada no lado esquerdo. Este ultimo sintoma torna difficil a respiração, affligindo muito o doente. (*Vêr Meteorismo, Timpanismo ou Aventamento*).

O tratamento da gastrite varia conforme a especie animal. Nos cães, gatos e porcos a regra principal consiste em pôr o doente numa dieta apropriada, dando-lhe alimentos muito facéis de digerir e em pequena quantidade. O leite é o que está melhor indicado, dissolvendo nêle 1 a 2 gra-

mas de bicarbonato de sódio. Os vômitos combatem-se, dando colheres de agua saturada de cloroformio, com três gôtas de tintura de iodo em cada colher.

Nos solípedes e nos ruminantes, a dieta deve ser de beberagens feitas de agua morna, contendo farinha de cevada, cozimento de sementes de linho, ou o chá de fêno, que se faz, recortando fêno de boa qualidade e deitando sôbre êle agua a ferver, para utilizar esta bebida algum tempo depois.

Podemos tambem empregar a seguinte fórmula ou *mache*:

Fêno recortado	} de cada um.	200 gramas
Palha recortada		
Cevada.....	500	»
Sêmeas.....	100	»
Sementes de linho.....	200	»
Sal comum.....	20	»
Agua a ferver.....	2	litros

Dá-se, quando frio, em pequenas doses, durante o dia.

Enterite ou inflamação dos Intestinos

Todos os animais são sujeitos á enterite, sendo esta doença uma das mais frequentes e por vezes bastante grave.

No cão, gato e porco a enterite manifesta-se por febre, inapetencia, sêde, dôr na região ventral e prisão do ventre, alternando com diarréa.

Nos herbívoros ha estes mesmos sinais, acom-

panhados de *cólicas* mais ou menos violentas, como disseámos a propósito da gastrite dos solípedes.

Na enterite a diarréa tem diversos aspectos: ás vezes as dejeccções veem cobertas de mucosidades; outras vezes saem do recto membranas em farrapos ou mesmo moldadas em fórma de canal, parecendo porções do intestino; mas este último caso só apparece nas enterites muito graves.

O tratamento da enterite tem de variar, conforme a intensidade da doença. Em todos os casos deve estabelecer-se a dieta semelhante á da gastrite. Se as dôres são muito intensas, combatem-se, administrando o opio, como adeante formulâmos. Se ha diarréa abundante, emprega-se ainda o opio, de mistura com o subnitrato de bismuto, o tanino ou a casca de carvalho. Se ha prisão do ventre, usam-se os purgantes.

Em regra, a enterite combate-se, provocando evacuações abundantes e desinfectando o intestino. Para isso o melhor é associar varios medicamentos capazes de produzir todos estes diversos efeitos. Tal é, por exemplo, a seguinte fórmula, apropriada ao cavallo, jumento e mulo:

Sulfato de soda.....	200 gramas
Sulfato de magnesia.....	100 »
Oleo de ricino	80 »
Decocto de cevada.....	1 litro

Dá-se pela manhã em jejum, em duas doses, com meia hora de intervalo.

Havendo diarréa persistente e com dôres, pôde empregar-se estoutra fórmula:

Tintura de opio	20 gramas
Casca de carvalho.....	15 »
Infuso de sementes de li- nho	1 litro

Dá-se também em duas vezes.

Estas duas fórmulas servem tanto para os solípedes, como para os grandes ruminantes.

Tratando-se de carnívoros, podemos aplicar os mesmos medicamentos, em doses dez vezes menores.

A enterite do cão deve tratar-se, administrando primeiro o óleo de ricino, na dose de 40 gramas, sendo o cão adulto e de estatura mediana. Este purgante dá-se pela manhã, em jejum.

Depois, havendo diarréa, podemos usar a fórmula seguinte:

Sólol.....	1 grama
Subnitrato de bismuto...	3 »
Laudano de Sydenham ...	1 »
Leite.....	1 decilitro

As colheres, das de sôpa, pelo dia adiante.

Se houver prisão do ventre, serve a fórmula do óleo de ricino acima indicada.

Para o carneiro, cabra e porco, o tratamento é proximamente o mesmo que o do cão, mas as doses são quatro vezes maiores.

Se o sintoma dominante é a cólica, temos de proceder a vario tratamento, que será indicado no capitulo adiante consagrado ás *Cólicas*.

Se a diarréa é sanguinolenta, é preciso combatê-la energicamente. Para isso, além duma dieta rigorosa de leite para cão, gato e porco, e de agua

de cevada para os herbívoros, administraremos interiormente a seguinte fórmula:

Cloreto de calcio.....	10 gramas
Cozimento de sementes de linho.....	1 litro

Para dar em 4 porções, de hora a hora.

Para o cão e gato a dóse de cloreto de calcio reduz-se a 3 gramas. Para o porco, 5 gramas.

Subsistindo a diarréa sanguinolenta, podemos administrar, em injeccões hipodérmicas, o extracto flúido de cravagem de centeio, na dóse de 15 gramas para os grandes animais, 3 para os médios e $0^{\text{gr}},5$ ao cão e ao gato, diluindo o extracto flúido em outro tanto de agua destilada.

Nos animais novos, sobretudo nos de mama, aparece muitas vezes a enterite, predominando a diarréa persistente, que enfraquece sobremodo os animais. Combate-se este mal, administrando aos doentes o ácido lactico, o subnitrate de bismuto, o opio, etc.

Para os vitelos e pôldros póde servir a seguinte fórmula:

Acido lactico	} De cada, 10 gramas
Subnitrate de bismuto.....	
Tintura de opio.....	
Xarope simples.....	} De cada, 100 gramas
Cozimento de sementes de linho	
Leite fervido e frio.....	200 gramas

Dá-se ás colheres, das de sôpa, de hora a hora.

Se o animal atacado desta diarréa é um cachorro ou um gatinho, a fórmula deve modificar-se do seguinte modo:

Acido lactico	}	De cada, 10 gramas
Subnitrato de bismuto		
Laudano		
Julepo gomoso.....		150 gramas

E' dóse para cinco dias, dando cada dia 6 colheres, das de chã, espaçadas de hora a hora.

Tambem se póde usar, para o vitelo e o pôldro, estoutra fórmula :

Acido lactico	6 gramas
Cozimento de cevada.....	500 »

Às colheres, das de sôpa. E' dóse para um dia.

Para o cão adulto serve a seguinte fórmula :

Acido lactico	4 gramas
Xarope comum.....	100 »

Às colheres, das de chá. Dóse para um dia.

Às galinhas dá-se cada dia :

Acido lactico.....	1 grama
Subnitrato de bismuto...:	1 decigramas
Cozimento de cevada....	100 gramas

Às colherinhas, de hora a hora. Dóse para um dia.

Meteorismo, timpanismo ou aventamento

Chama-se *aventamento*, e tambem *meteorismo*, *meteorização*, *timpanismo* e *timpanização*, um es-

tado doentio que se prende geralmente com a inflamação do estômago ou dos intestinos, sobretudo nos animais herbívoros e com mais frequência nos ruminantes.

O sintoma principal d'êste acidente é a elevação ou volume exagerado do ventre, na região dos flancos, que ressoam como um tambor. Nos solípedes é o ilhal direito o que se eleva, por estar aí alojado o intestino grosso, chamado *cego*; nos ruminantes é o ilhal esquerdo, por aí estar a *pança* ou *rúmen*.

São múltiplas as causas do aventamento: má alimentação, com forragens avariadas, ou mesmo boas, mas em quantidade exagerada; erva verde, húmida e quente; agua muito fria; doenças do estômago e intestino; certas doenças contagiosas; etc.

O aventamento explica-se pela exagerada demora que os alimentos sofrem na pança dos ruminantes ou no intestino cego dos solípedes, quando ha paralisia d'êsses órgãos, e pelas fermentações que então mais abundantemente aí se produzem nos alimentos, desprendendo-se grande quantidade de gases, que distendem tais órgãos e o ilhal direito ou esquerdo onde se alojam.

O maior volume que a pança ou o cego assim adquire é causa de que o diafragma, isto é, a membrana de separação entre o peito e o ventre, se distenda para deante, comprimindo os pulmões, de modo que a respiração torna-se difficil, apressada e pequena, chegando ás vezes a ameaçar de morte o animal, que, sentindo-se asfixiar, todo se aflige, dilatando muito as ventas e prolongando a cabeça quasi em linha recta com o pescoço. Quando aventado, o animal perde o appetite, está

triste, arrota frequentes vezes, não defeca e urina pouco.

Os ruminantes deixam de ruminar ou remoer. Todos os animais podem ter dôres de cólica.

Consegue-se prevenir ou impedir o aparecimento dêste mal, praticando-se cuidadosamente as regras da higiene da alimentação: para isso evitam-se as bebidas muito frias, sobretudo pela manhã, no inverno; os alimentos em mau estado ou em quantidade exagerada; a erva verde, quente e molhada; os longos intervalos entre as refeições; a passagem súbita do regimen sêco do inverno para o regimen verde da primavera; a exposição prolongada do animal ao ar frio; o trabalho logo após a refeição; etc.

Aparecendo o aventamento, combate-se pelos seguintes modos:

1.º — Maçagens ou fricções metódicas sobre o flanco aventado, passando a mão fechada, com força, de cima para baixo e de traz para diante, repetidas vezes;

2.º — Aplicar sobre o flanco aventado, ou mesmo á roda de todo o ventre, compressas frias frequentemente renovadas, ou, mais simplesmente, agua fria, em duches;

3.º — Passear o animal sobre terreno macio;

4.º — Colocar o doente sobre um plano inclinado, ficando a cabeça para a parte mais alta, e friccionar a pança fortemente, para provocar a saída dos gases pela bôca;

5.º — Purgar o animal, para o que podemos utilizar a seguinte fórmula:

Sulfato de soda.....	300 gramas
» » magnesia.....	200 »
Oleo de rícino.....	80 »
Infuso de macela.....	1 litro

Dá-se em 2 porções, com meia hora de intervalo.

6.º — Para evitar a formação das fermentações na pança ou no intestino, podemos servir-nos da seguinte fórmula :

Amónia.....	30 gramas
Aguardente.....	100 »
Agua fervida, fria.....	1 litro

Em 2 porções, com meia hora de intervalo.

A agua salgada dá o mesmo resultado. Serve a seguinte fórmula :

Sal comum.....	25 gramas
Agua fervida.....	1 litro

Melhor ainda é a solução seguinte :

Cresil.....	20 gramas
Agua fervida.....	1 litro

7.º — São também muito úteis as injeções hipodérmicas, feitas com uma seringa apropriada, na região atraz da espadua, no boi, e na tábua do pescoço, no cavallo, empregando o seguinte liquido :

Cloridrato de pilocarpina	10 centigramas
Sulfato de veratrina.....	5 »
» » eserina.....	5 »
Agua destilada.....	5 gramas

É dóse para duas injecções, com uma hora de intervalo. Serve para combater a paralisia da pança ou do intestino.

8.º — Havendo um tubo de borracha, um pouco rígido, tendo pelo menos 1^m,5 de comprimento, podemos empregá-lo, como uma sonda, untando-o externamente com azeite, introduzindo-o cautelosamente pela bôca, sem entrar na laringe, e levando-o até á pança. Os gazes e as materias alimentares da pança podem assim sair pelo tubo, mas ás vezes convém diluir o conteúdo da pança, introduzindo pela sonda alguns litros de agua. Invertendo depois o tubo, para fazer sifão, todo o liquido facilmente sai.



FIG. 4
Trocarte

9.º — Finalmente, se, apesar de tudo isto, o timpanismo continuar, resta-nos o recurso de praticar a punção do ilhal esquerdo do ruminante, ou do flanco direito do solípede, precisamente na região central, perfurando a péle e ao mesmo tempo a pança ou o intestino cego. Para isto emprega-se um instrumento especial, chamado *trocarte* (fig. 4), que é um fino punção de aço, metido dentro duma cânula. Esta operação, assim como a anterior, exige habilidade da parte de quem a pratica. Feita a punção (fig. 5), deixa-se ficar a cânula no flanco, presa por meio duma fita passada á roda do ventre. Os gazes vão saindo da pança ou do cego pela cânula e o aventamento vai desaparecendo.

A dieta é de rigor, durante e depois da meteo-
r ação.

Cólicas

Todos os animais estão sujeitos a *cólicas*. Dá-se este nome ás dôres, mais ou menos violentas, que teem a sua séde no estômago, no intes-



FIG. 5 - Punção da paucha com o trocarde

tino, no figado, nos rins, na bexiga ou no peritoneu.

Os solípedes, sobretudo o cavallo, são os animais que com maior frequencia sofrem de cólicas, chegando muitas vezes a succumbir.

As causas das cólicas são diversas: as indigestões e as inflamações do estômago ou do intestino; a paralisia dêstes órgãos; as congestões; os vermes intestinais; as hernias; a ingestão de agua muito fria; o abuso dos farélos nas rações; etc.

Conhece-se que o animal está atacado de có-

lica, vendo-o triste, abatido, sem apetite e logo depois agitar-se, raspar o chão com as mãos (fig. 6), olhar demoradamente para um dos flancos (fig. 7), abanar e prolongar a cabeça com o pescoço (fig. 8), deitar-se primeiro cuidadosamente, depois, ás vezes, de chofre, sem cuidar da própria conservação, rolar-se sobre a cama, tomar atitudes estranhas, como é o sentar-se á maneira do cão (fig. 9), e isto acompanhando-se de gemidos, arregaçamento

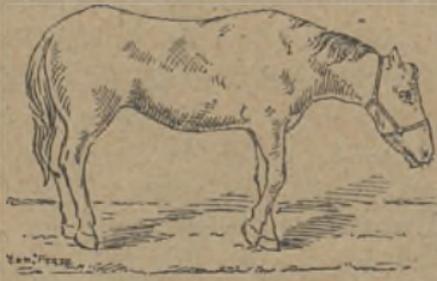


FIG. 6—Cavalo com cólica, procurando deitar-se

dos lábios, ranger dos dentes, respiração ansiosa, pulso pequeno e apressado, conjuntivas primeiro pálidas, depois vermelhas ou arroxadas, suores abundantes, resfriamento de algumas regiões da pele, agachamento do terço posterior, procurando urinar e defecar, sem o conseguir, ou conseguindo-o difficilmente.

Sendo estomacal a cólica, as dôres são menos violentas e o cavalo faz inuteis esforços para vomitar, chegando só a produzir arrôtos. Sendo intestinal, é mais violenta e quasi sempre ha timpanismo ou aventamento do ilhal direito, por se accumularem gazes no intestino *cego*, que aí se aloja. (Vêr *Me-teorismo*).



FIG. 7—Começo da cólica (o cavalo olha o flanco)

Uma ou outra vez a cólica acompanha-se de invaginação do intestino; outras vezes este órgão torce-se, havendo então o *vólvulo* ou *vólvo*, geralmente mortal. Nas cólicas por *vólvulo*, o cavalo tem intermitências de socego e, de vez em quando, faz com a cabeça movimentos de balanço, de diante para

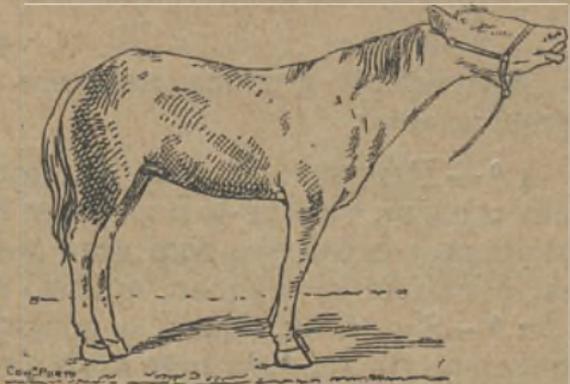


FIG. 8—Cólica do cavalo (dôr intensa)

traz, ou toma outras atitudes extravagantes, sentando-se, por exemplo, á maneira de cão.

A cólica pôde durar algumas horas, com ou sem intermitências, Persistindo muito tempo, a terminação é quasi sempre fatal.

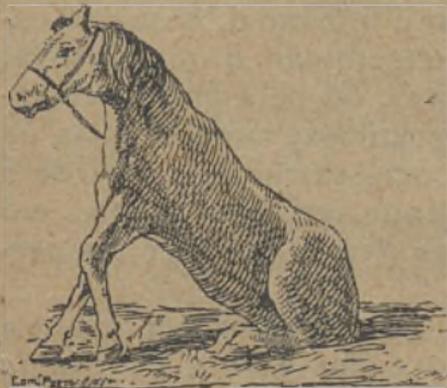


FIG. 9—Cavalo atacado de *vólvulo*, sentado á maneira de cão

Se o cavalo consegue urinar e defecar abundantemente, a cura é quasi certa.

Para prevenir ou impedir o aparecimento das cólicas, convém observar as regras da hygiene, vigiando a alimentação dos animais, não lhes dando alimentos avariados ou

mesmo bons, mas em quantidade exagerada, evitando as bebidas muito frias; numa palavra, seguem-se as regras que indicámos no artigo *Me-teorismo*.

Aparecendo a cólica, podemos tratá-la por diversos meios :

1.^o — Fazemos passear lentamente o animal, bem coberto, e pômo-lo depois em liberdade, num alojamento espaçoso, com uma boa cama de palha, para não se magoar, quando se deita.

2.^o — Sendo estomacal a cólica, o que se conhece por ela sobrevir logo após a refeição e pelos inúteis esforços que o animal faz para vomitar, assim como por um pequeno timpanismo do flanco esquerdo, procuraremos descarregar-lhe o estômago por meio dum tubo de borracha igual ao que descrevemos, quando tratámos do *Aventamento*.

3.^o — Se a congestão é intestinal, o que se conhece pela extrema vermelhidão da conjuntiva, pelas dôres mais violentas, ou pela grande elevação do flanco direito, pratica-se uma sangria na jugular ou veia do pescoço, extraíndo cêrca de 5 litros de sangue e podendo repetir a sangria em menor quantidade horas depois, se a cólica persistir.

4.^o — Friccionam-se os costados, os rins, a face interna dos braços e das pernas com *agua sinapizada*, ou applica-se só sobre os costados o seguinte sinapismo :

Farinha de mostarda.....	500 gramas
Agua fervida, fria.....	2 litros

5.º — Dão-se clisteres mornos, tais como:

Sabão	50 gramas
Água	2 litros
Glicerina	100 gramas
Água	1 litro
Cloral	30 gramas
Água de sementes de linho	1 litro

6.º — Administra-se a seguinte beberagem :

Eter sulfurico.....	} De cada, 15 gramas
Canfora em pó.....	
Assa fétida em pó.....	
Infuso de tilia ou de macela, frio.....	1 litro
Gêmas de ovos, bem batidas.....	2

Dá-se em 2 porções, com meia hora de intervalo.

7.º — Injecta-se debaixo da pele do pescoço, nas tábuas, com a seringa apropriada, o liquido seguinte :

Cloridrato de pilocarpina.	15 centigramas
Bromidrato de arecolina.	2 »
Sulfato de eserina.....	3 »
Água destilada.....	5 gramas

8.º — Se é grande o aventamento do ilhal direito, pratica-se aí a punção, exactamente como ficou dito ao tratarmos do *Meteorismo*.

9.º — Se o animal, apesar dêstes cuidados, não

consegue defecar, é conveniente bracejar-lhe o recto, para o que o operador corta as unhas da sua mão direita, unta a mão e o braço com azeite, glicerina ou vaselina, e introduz cuidadosamente a mão no anus, juntando os dedos para não ferir a mucosa e extraíndo depois gradualmente as fezes.

Durante e depois da cólica, é preciso manter o animal em dieta rigorosa, que deve durar 2 dias, não dando ao animal senão agua com farinha de cevada, um punhado de sulfato de soda e 30 gramas de bicarbonato de soda.

Depois podemos dar-lhe o seguinte *mache*:

Fêno recortado.....	}	De cada, 200 gramas
Palha recortada.....		
Cevada.....		500 gramas
Sêmeas.....		100 »
Sementes de linho.....		200 »
Sal.....		20 »
Agua a ferver.....		2 litros

Deixa-se resfriar e dá-se em pequenas doses, durante o dia.

Picaçismo ou aberração do gôsto

A's vezes os animais são atacados de manias, que se manifestam por aberrações do apetite. Assim, certos animais teem a mania de lamber tudo quanto está ao seu alcance; outros comem substancias improprias para a alimentação. Os carneiros, atacados dêste mal, arrancam e comem a lã dos companheiros; as galinhas tiram e devo-

ram as penas das outras galinhas; as porcas comem os filhos; as aves comem os ovos.

Os animais, grandes ou pequenos, chegam a engulir cal, terra, excrementos e outros corpos estranhos.

Este mal chama-se *picacismo*. Convém combatê-lo, porque produz gastrites e enterites rebeldes, que emmagrecem consideravelmente os animais. O primeiro cuidado consiste em separar dos outros os animais que tem este vicio, porque elle, por imitação, pega-se rapidamente dos doentes aos sãos. Se os animais são já crescidos, dá-se-lhes na ração 30 gramas de sal comum e outro tanto de fosfato de cal. Se são pequenos, ainda de mama, estas doses devem ser reduzidas á terça parte, dando-as no leite ou na agua da bebida. Porém, o melhor remedio para curar as aberrações do picacismo é o emprego do cloridrato de apomorfina, dissolvido em agua e dado em injeções hipodérmicas. A seguinte fórmula serve bem para o caso :

Cloridrato de apomorfina.	10 centigramas
Agua fervida.....	10 gramas

Aos bovinos e equinos dá-se esta dose, em duas injeções, com meia hora de intervalo. Para os animais pequenos a dose é dez vezes menor e para as galinhas reduz-se a cem vezes menos.

Verminose ou helmintiase intestinal

Todos os animais são susceptiveis de se infestar com helmintos ou vermes intestinais. Dêstes

vermes, de que ha muitas especies, consideraremos apenas as *ténias*, as *lombrigas* e os *gusanos* ou *gastrófilos*.

Conhece-se que um animal está atacado de *ténias*, quando êle emmagrece progressivamente e nos excrementos apparecem as conhecidas *pevides* dêsses vermes.

Combate-se então este mal da seguinte maneira: se é um cão ou gato, administra-se pela manhã, em jejum, no leite:

Extracto etereo de feto macho.	4 gramas
Calomelanos	ogr,3o

É preferivel administrar os calomelanos separadamente, 1 ou 2 horas depois do extracto de feto macho.

Sendo animal grande, cavallo ou boi, a fórmula pôde ser estoutra:

Cresil	3o gramas
Agua	1 litro

Se, em vez de *ténias*, houver *lombrigas*, como se conhece, vendo-as em tórno do anus ou nos excrementos, devemos combatê-las, administrando ao animal, equino ou bovino adulto, os seguintes pós:

Acido arseniôso	} De cada, 3 gramas
Bagas de zimbro em pó	
Feto macho em pó	5 gramas
Carvão vegetal em pó	2 »

Dá-se misturado com a ração, administrando esta dose uma vez por dia, durante uma semana.

No fim desta, administra-se um purgante, que póde ser o seguinte:

Sulfato de soda.....	200 gramas
» » magnesia.....	100 »
Oleo de rícino.	80 »
Cozimento de cevada.....	1 litro

Sendo animais pequenos, como cão e gato, podemos administrar a noz de areca, da seguinte fórmula:

Noz de areca em pó...	5 decigramas
Manteiga de cacao....	De cada, quanto basta para fazer uma pilula
Cêra amarela.....	

10 pilulas por dia, de meia em meia hora.

Tambem é útil a seguinte fórmula para os animais pequenos:

Sémen-contra.....	3 gramas
Leite fervido.....	20 »

Às colheres, das de chá, de quarto em quarto de hora, pela manhã, em jejum.

Passadas três horas, administra-se o oleo de rícino, na dóse de 40 gramas para o cão e de 20 para o gato.

Os *gusanos* ou *gastrófilos* atacam principalmente os equídeos e encontram-se no estômago e no intestino recto, junto ao anus. Nos animais novos, como os pôldros, os gusanos não os deixam crescer e engordar.

Para expulsar os gusanos, a melhor fórmula é a seguinte:

Sulfureto de carbonio	50 gramas
Oleo de rícino	300 »

Esta dóse é para o cavallo adulto e dá-se em duas metades, com meia hora de intervalo, pela manhã, em jejum.

Sendo um pôldro, reduz-se a dóse a metade ou a um terço, conforme a estatura do animal.

Ictericia

A *ictericia* é uma doença do figado ou do canal por onde a bilis ou fei sai dêsse órgão para o intestino delgado. A gastro-enterite, propagando a inflamação até áquele canal, provoca muitas vezes a ictericia.

Esta doença conhece-se facilmente, porque, além dos sintomas da gastrite e da enterite, que já indicámos, ha a côr amarela nos olhos, na bôca e outras aberturas naturais e ás vezes até mesmo na péle, assim como nas urinas. Os excrementos saem em pequena quantidade, descórados e reluzentes.

O tratamento da ictericia faz-se, purgando o doente e sujeitando-o a um regimen alimentar apropriado, como é o leite para os carnívoros e omnívoros, e o verde para os herbívoros.

Como purgativo para o cão, gato e porco, serve o oleo de rícino, na dóse de 15 a 20 gramas para o gato, 40 para o cão e 80 para o porco.

Os grandes herbívoros (cavallo e boi) purgam-se com sulfato de soda, 500 gramas, num a dois litros de agua. ou de cozimento de sementes de linho, pela manhã, em jejum.

Nos casos mais graves, empregam-se os calomelanos, na dóse de 1 a 5 centigramas para o cão ou gato, administrados em leite.

Para o cavalo pôde servir a seguinte fórmula:

Calomelanos	1 grama
Alçaçuz, genciana e mel . . . }	Quanto baste para fazer um bolo de 20 gramas

Dá-se este bôlo pela manhã, em jejum, repetindo durante 3 ou 4 dias.

Convém ainda auxiliar o tratamento, administrando o bicarbonato de soda, na dóse de 1 grama por dia, dado no leite ao cão ou gato, e na dóse de 20 a 30 gramas, na agua da bebida, ao cavalo ou boi.

Peritonite ou inflamação do peritoneu

Todos os animais podem ser atacados desta doença do peritoneu, isto é, do véo que envolve os intestinos e os outros órgãos contidos no ventre.

A peritonite é sempre doença muito grave e frequentemente mortal. As causas são várias, mas quasi sempre ha uma injecção.

A's vezes a peritonite é aguda, decorrendo rapidamente e terminando quasi sempre pela morte; outras vezes é crónica, durando muito tempo e podendo curar-se.

A peritonite aguda conhece-se pelos seguintes sinais: cólicas vivas; ventre muito retraído ou esgalgado; os quatro membros juntos uns dos outros, em feixe; espinha arqueada; a respiração

difícil; o olhar mortiço e fixo; a face arrepanhada e dolorosa; torpôr profundo; falta absoluta de apetite; sêde viva; prisão do ventre, ou defecação rara, difícil e dolorosa; aventamento. Nos omnívoros e carnívoros ha geralmente o vômito.

A peritonite crônica não tem sintomas tão expressivos: ha sensibilidade um pouco exagerada no ventre e este aumenta muito de volume por causa da serosidade ou agua que infiltra os tecidos debaixo da péle, tanto no ventre como nos membros posteriores; a sêde é viva e a respiração difícil.

Combate-se a peritonite, sangrando levemente o animal logo no comêço; applicando-lhe sôbre o ventre compressas embebidas em agua fria e renovando esta a meúdo; e pondo sinapismos ou cataplasmas de agua de malvas ou de sementes de linho na mesma região.

Internamente, ao cavallo e ao boi, dá-se a beber o seguinte:

Bicarbonato de soda	30 gramas
Nitro	6 "
Cozimento de sementes de linho	1 litro

Dá-se em duas metades, com meia hora de intervalo, podendo repetir-se nos dias seguintes.

Ao cão e ao gato, além dos remedios externos já indicados, pôde administrar-se internamente o seguinte:

Benzonaftol	{	De cada, 6 gramas
Bicarbonato de soda		
Láudano de Sydenham		8 gramas
Julepo gomoso		200 "

Dá-se ás colherinhas, de meia em meia hora, durante 4 a 5 dias.

Devemos tambem administrar a estes animais os calomelanos, na dóse diária de 10 centigramas, dados no leite, ás colherinhas, de hora a hora.

Ascite, hidropisia ou barriga de agua

Esta doença provém quasi sempre de alterações do coração. Conhece-se pelo grande volume do ventre, que incha, sobretudo, na face inferior; pelo edêma ou inchaço mole dos membros; e pela magreza geral, pelagem



FIG. 10 — Ascite do cão



FIG. 11 — Ascite do gato

baça, tristeza profunda, conjuntivas pálidas, sêde viva, urinas raras ou saíndo a meúdo, mas em pequena quantidade de cada vez.

O tratamento da ascite consiste em fazer injeções subcutaneas com o líquido seguinte :

Cloridrato de pilocarpina.	20 centigramas
Agua destilada.....	5 gramas

Esta dóse é para o cavallo ou boi. Ao cão e ao gato dá-se dez a vinte vezes menos. Repete-se este tratamento todos os dias.

Podemos tambem administrar a pilocarpina pela bôca, dando as mesmas dóses do medicamento, em 1 ou 2 decilitros de agua.

A ascite trata-se tambem pela higiene alimentar, reduzindo ao minimo as bebidas e não dando aos carnívoros senão leite e carne crua, e aos herbívoros grãos e fêno ou palha.

Envenenamentos

Os *envenenamentos* são causados quasi sempre por ingestão de substancias alimentares alteradas e mais raramente por venenos propriamente ditos. Os animais carnívoros e os omnívoros envenenam-se frequentemente, comendo carnes ou peixes avariados, corrutos ou pôdres; os animais herbívoros, ingerindo forragens atacadas de bolôres.

Só excepcionalmente é que os animais inge-rem substancias venenosas, como o fósforo, o arsénico, a estricnina, certas plantas tóxicas, etc.

Não é facil conhecer quando o animal está envenenado, porque os sintomas dos envenena-

mentos parecem-se, em geral, com os de outras doenças. No entanto, podemos suspeitar haver envenenamento, quando o animal subitamente se mostra muito abatido, em estado de estupor, com dôres de cólica, diarréa e, sendo carnívoro ou omnívoro, com vômitos. Estes sintomas quasi nunca são precedidos de febre. Além disto, a suspeição de envenenamento avoluma, averiguando-se a natureza dos alimentos ou bebidas que o animal ingeriu.

Não se conhecendo a causa do envenenamento, o primeiro cuidado a ter com o doente consiste em libertá-lo do veneno ingerido, que porventura ainda se encontre no estomago ou no intestino. Para isso, a regra é administrar medicamentos vomitivos ao cão, ao gato e ao porco; assim como purgantes e clisteres a êsses e a todos os outros animais affectados do mesmo mal.

Havendo facilidade de administrar injeções hipodérmicas, é preferível empregar como vomitivo o cloridrato de apomorfina ao cão e ao gato, mas não ao porco. A fórmula para isso apropriada é a seguinte:

Cloridrato de apomorfina.	3 centigramas
Agua destilada.....	3 gramas

Não havendo seringa propria para estas injeções, empregaremos a seguinte poção ou beberagem para o cão e o gato:

Emético.....	10 centigramas
Julepo gomoso.....	50 gramas

A's colheres, dando tudo numa só vez,

Ao porco administra-se a fórmula que segue:

Emético	50 centigramas
Água fervida.....	100 gramas

Em vez do emético, podemos administrar a ipecacuanha, do seguinte modo:

Ipecacuanha.....	50 centigramas
Água ou leite, mornos...	50 gramas

Dá-se ao cão e ao gato, repetindo, passado um quarto de hora, se fôr preciso.

Ao porco daremos a fórmula seguinte:

Ipecacuanha.....	2 gramas
Água morna.....	100 »

Aos herbívoros, como não são susceptíveis de vomitar, senão excepcionalmente, daremos purgantes, servindo, por exemplo, a seguinte fórmula:

Sulfato de soda.....	300 gramas
» » magnesia.....	200 »
Oleo de rícino	80 »
Cozimento de sementes de linho.....	1 litro

Aos carnívoros e omnívoros o purgante a dar deve ser, de preferencia, o óleo de rícino, na dose de 40 gramas para o cão, 15 para o gato e 100 para o porco.

Como clisteres, para terminar a evacuação do

veneno contido no intestino, podemos empregar os seguintes, mornos:

Glicerina.....	50 gramas
Agua fervida	500 »
Azeite.....	110 gramas
Cozimento de sementes de linho.....	1 litro
Sene.....	15 gramas
Sulfato de soda.....	15 »
Agua a ferver.....	500 »

Além dêstes cuidados, convém ainda administrar ao animal o seguinte contraveneno, preparado na ocasião:

Soluto de sulfato ferrico.....	100 gramas
Magnesia hidratada.....	120 »
Carvão animal.....	40 »
Agua fervida	800 »

Aos grandes animais dão-se 250 gramas desta beberagem; ao cão e ao gato, 50; ao porco, 100.

Isto em todos os casos de envenenamento, quer seja ou não conhecida a natureza do veneno.

Averiguando-se que o veneno é a noz vómica ou a estricnina, além de todos os cuidados comuns acima indicados, convém fazer uma injeção subcutanea do seguinte liquido:

Iodeto de potassio.....	80 centigramas
Agua fervida.....	2 gramas

Sé o veneno é o arsénico, dá-se a beber agua de cal, na dóse de 60 gramas ao cão ou gato;

150 ao porco, carneiro e cabra; e 2 a 3 litros aos grandes herbívoros, fraccionadamente.

Sendo o envenenamento devido ao fósforo, recorre-se á ingestão de agua albuminosa, que se obtém, deitando na agua e batendo algumas claras de ovos.

DOENÇAS DO APARELHO RESPIRATORIO

Coriza, rinite ou inflamação da pituitária ou mucosa do nariz

A pituitária inflama-se facilmente, sobretudo quando o animal respira ar muito frio, ou carregado de poeiras irritantes. Esta inflamação é aguda ou crónica, conforme a sua duração e intensidade.

Conhece-se que o animal tem coriza, quando espirra a meúdo, estando de principio a pituitária sêca, mas vermelha, e depois húmida, produzindo-se então um corrimento claro e mais ou menos espesso pelas mucosidades que contém. Geralmente este fluxo nasal corre de ambas as ventas; se fôr por uma venta só, a coriza torna-se suspeita, porque no *mórmo*, doença contagiosa e gravissima dos solípedes, um dos sintomas é precisamente o fluxo nasal, as mais das vezes limitado a uma só das ventas. Quando a coriza é intensa, pôde provocar a febre no comêço e aparecem

tambem enfartadas as *glandulas* ou ganglios existentes na fauce, isto é, entre os dois ramos do maxilar ou queixo inferior.

A coriza aguda dura cêrca duma semana; mais prolongada, torna-se crónica.

O tratamento varia, conforme é aguda ou crónica a doença. Na coriza aguda, a primeira coisa a fazer é agasalhar bem o animal, dar-lhe beberagens mornas de agua e farinha, e administrar-lhe ás ventas inalações ou fumigações de vapor de agua, na qual se póde deitar uma pitada de mentol. Podemos tambem dar pela bôca, nas corizas graves, um electuario, *juncada* ou lambedôr, composto de :

Essência de terebintina.....	90 gramas
Tintura de acónito.....	50 »
Extracto de beladona.....	6 »
Bagas de zimbro em pó.....	60 »
Alcaçuz em pó.....	} De cada, 50 gramas
Altéa em pó.....	
Mel, farinha e agua.....	} Quanto baste para electuario brando

Esta dóse é para 3 dias, devendo administrar-se o medicamento muitas vezes ao dia, com uma espátula ou boneca que se esfrega sobre a lingua.

Completa-se, nêstes casos, o tratamento, purgando o animal, para o que lhe daremos a seguinte beberagem :

Sulfato de soda.....	300 gramas
» » magnesia.....	200 »
Agua fervida.....	1 litro

Sendo crónica a doença, convém administrar o emético, dado na dóse de 10 gramas por dia, na

agua da bebida. As fumigações de alcatrão, bagas de zimbro, e cresil ou creolina, estão bem indicadas, devendo administrar-se pela manhã e á noite, pondo um brazeiro debaixo da cabeça do animal, deitando sobre as brazas qualquer das referidas substancias e conduzindo os vapores ou gazes para as ventas por meio dum pano enrolado em fôrma de tubo e pendente da cabeça.

Nos casos rebeldes, é útil fazer injeccões ás ventas, com uma seringa contendo o seguinte líquido :

Iodo.....	15 centigramas
Iodeto de potassio.....	40 »
Agua destilada.....	200 »

Todos estes tratamentos referem-se aos animais grandes. Se o doente fôr cão ou gato, bastará agasalhar o animal, fazer-lhe fumigações de vapor de agua com mentol, untar-lhe o interior das ventas com um pincel ou uma rôlha de algodão em rama, embebida em oleo-vaselina mentolada ou no seguinte líquido :

Tintura de iodo.....	10 gramas
Glicerina.....	50 »

Nos casos mais rebeldes, injectam-se nas ventas, com uma seringa, algumas gôtas de :

Nitrato de prata.....	5 centigramas
Agua destilada.....	20 gramas

No cão é frequente acompanhar-se a coriza de *epistaxis* ou corrimento nasal sanguineo. Nêste

caso, se a hemorragia fôr grande, applicam-se sôbre o focinho campressas de agua fria, frequentemente renovadas e, persistindo a perda de sangue, apesar dêste tratamento, injectam-se nas ventas pequenas porções de agua bastante quente, ou êste outro líquido :

Cloridrato de cocaína....	25 centigramas
Agua destilada.. .. .	5 gramas

Tambem os cães são ás vezes atacados por vermes parasitas, que se localizam nas ventas, dando origem a corizas e hemorragias nasais. Matam-se esses parasitas, fazendo injeccões ás ventas com agua salgada, avinagrada, ou, melhor ainda, cresilada.

Nos solípedes, todo o caso de coriza deve ser tido por suspeito de *môrmo* e, portanto, o animal tem de ser cautelosamente isolado ou sequestrado, porque o *môrmo*, como acima referimos, é uma doença contagiosa, mortal, transmissivel até para as pessoas e, portanto, sempre que desta molestia houver suspeição, recorre-se á autoridade administrativa (regedor ou administrador do concelho), para que esta chame um veterinario do Governo, que examine o animal gratuitamente.

Angina laríngea, laringite ou inflamação da laringe

A laringe pôde inflamar-se pela acção do ar frio, ou de substancias irritantes e outras causas. A esta inflamação ou *laringite* dá-se tambem o

nome de *angina laringea*, para distinguir da *farin-gite*, que é uma *angina faríngea*.

Póde ser aguda ou crónica. Em qualquer dos casos, conhece-se pela tosse sêca e repetida em acessos; pela dôr da garganta, que se mostra exteriormente ingorgitada, dolorosa e quente, o que obriga o animal a estender a cabeça sobre o pescoço; mais tarde aparece corrimento pelas ventas; a respiração torna-se difficil e não raro acompanhada dum assobio. Sendo intensa a laringite, é, no principio, acompanhada de febre.

Durando mais duma semana, a laringite tende a tornar-se crónica, diminuindo então a intensidade dos sintomas.

Nos cães e gatos atacados desta doença, a voz torna-se rouca.

Tratamento: agasalha-se muito bem o animal; põe-se-lhe um pano ou uma péle na parte externa da garganta; fricciona-se essa mesma região, nos casos graves, com pomada de beladona ou de iodeto de potassio; fazem-se inalações ou fumigações de agua quente, simples ou cresilada; e internamente administra-se o seguinte electuario ou lambedor:

Quermes.....	30 gramas
Tintura de acónito.....	60 »
Essência de terebintina.....	60 »
Extracto de beladona.....	6 »
Alcaçuz em pó.....	} De cada, 50 gramas
Altéa em pó.....	
Mel, farinha e agua.....	Quanto baste para electuario brando

É dóse para 3 dias, nos animais grandes.

Nas laringites crónicas, utiliza-se vantajosamente, como bebida diaria, a agua de alcatrão,

que se obtem barata, alcatroando interiormente uma vasilha de barro, na qual depois se deita agua, que se vai renovando sucessivamente.

A's vezes succede que a laringite aguda impede o doente de comer e beber: nêsse caso temos de alimentar o animal por meio de clisteres, como é o seguinte:

Gêmas de ovos.....	3
Peptona sêca.....	20 gramas
Leite ou caldo de carne desengordurado.....	1 litro
Láudano de Sydenham.....	2 gramas

Bate-se bem tudo isto e administra-se no recto com uma seringa, tendo préviamente o cuidado de esvasiar o intestino pelo bracejamenro, como foi indicado no artigo *Cólicas*, ou administrando primeiro o seguinte clister:

Sabão.....	50 gramas
Agua fervida e morna.....	1 litro

A dieta é de rigor, quando o animal pôde deglutir. Dão-se alimentos de facil digestão, como é o verde, os grãos macerados ou cozidos e as bebidas farinhosas, mornas.

Isto para os grandes animais. Para os pequenos, como o cão e o gato, o tratamento é proxivamente o mesmo, mas internamente administra-se o seguinte:

Xarope diacódio.....	50 gramas
Julepo gomoso.....	100 »

Este medicamento dá-se, ás colheres, das de chá, de hora a hora, durante o dia.

Bronquite ou inflamação dos bronquios

O frio, os corpos irritantes e outras causas produzem a inflamação da mucosa que reveste os *bronquios*, isto é, os dois tubos ou canais que fazem a continuação da *traquéa* e que, penetrando nos pulmões, se subdividem em numerosos canaliculos, chamados *bronquíolos*. A inflamação da laringe, estendendo se a traquéa. prolonga-se ás vezes até aos bronquios, assim como dêstes aos pulmões.

A bronquite é aguda ou crónica e pôde atacar os animais de qualquer especie.

Connece-se a bronquite pela tosse, primeiro sêca, difficil e dolorosa, depois gorda e mais facil, manifestando-se por tossidos separados ou seguidos, constituindo acessos ou tosse *quintosa*; respiração acelerada e difficil, com movimentos sacudidos dos ilhais; corrimento pelas ventas dum líquido claro ao comêço e mais tarde viscoso e até mesmo purulento; alguma febre; diminuição de appetite; conjuntivas vermelhas e lacrimosas.

Os médicos-veterinários, auscultando o peito, reconhecem outros sinais da bronquite.

Dura a bronquite aguda geralmente 15 a 20 dias, diminuindo pouco a pouco os sintomas referidos. Durando máis tempo, passa ao estado crónico, exacerbando-se ou tornando-se mais intensos os sintomas de vez em quando, com pouca tendencia para a cura, e emmagrecendo cada vez

mais o animal, cujo pêlo se torna baço e mal assente.

Nos ruminantes, a mais dos sintomas indicados, ha a irruminação, isto é, o doente deixa de remoer, o que nêstes animais succede em quasi todas as doenças agudas.

O tratamento da bronquite deve começar por sinapismos nos costados, agasalhando bem o doente; depois inalações ou fumigações de agua de malvas, de cresil ou de alcatrão, deitados sobre brasas; e internamente pôde administrar-se o seguinte electuario ou lambedor:

Extracto de beladona.....	6 gramas
» » acónito.....	6 »
Quermes.....	20 »
Iodeto de potassio.....	15 »
Tintura de digital.....	30 »
Essência de terebintina.....	60 »
Altéa em pó.	De cada, 50 gramas
Alcaçuz em pó.	
Mel, farinha e agua.....	Quanto basta para electuario brando

Esta dóse é para 3 dias, podendo repetir-se, e serve para os grandes animais, solípedes e bovinos. Para os animais médios, carneiro, cabra e porco, serve a mesma fórmula, mas a dóse tem de ser quatro vezes menor. Para os pequenos animais, como cão e gato, pôde servir a fórmula seguinte:

Xarope diacódio.....	De cada, 100 gramas
» de tolú.....	

Dá-se ás colheres, das de sôpa, 3 ou 4 vezes por dia.

A bronquite crónica trata-se com estas mesmas fórmulas, mas aos animais grandes é bom acrescentar a agua de alcatrão na bebida diaria, bastando para obtê-la alcatroar interiormente uma bilha, na qual se deita agua todos os dias. Além disso, pôde-se tambem administrar na agua, cada dia, 6 gramas de iodeto de potassio.

Aos animais pequenos, atacados de bronquite crónica, dá-se vantajosamente o seguinte :

Iodeto de potassio	3 gramas
Julepo gomoso	200 " "

Às colheres, das de sôpa, 2 a 3 por dia.

Bronquite verminosa

Quasi todos os animais, principalmente os carneiros e os porcos, estão sujeitos a uma bronquite especial, causada por vermes chamados *estróngilos*, os quais, ingeridos com as ervas ou as bebidas, se alojam nos bronquios, irritando-os e produzindo fosse mais ou menos violenta, respiração difficil, corrimento abundante pelas ventas, emmagrecimento e anemia, podendo terminar pela morte.

Trata-se esta bronquite, desviando os animais das pastagens ou dos regatos infestados e administrando-lhes uma alimentação reparadora, em que devem predominar os grãos, o bom fêno, a agua pura ou fervida; e ao mesmo tempo dá-se-lhes a seguinte medicação:

Assa fétida.....	5 gramas
Genciana em pó.....	De cada, 6 gramas
Quina em pó.....	
Essência de terebintina.....	15 gramas
Sal comum.....	6 »
Infuso de funcho.....	Meio litro
Altéa em pó.....	De cada, 50 gramas
Alcaçuz em pó.....	
Mel, farinha e agua.....	Quanto baste para electuario

Esta dóse, propria do carneiro, é para 3 dias e administra-se com uma espátula sobre a lingua, várias vezes ao dia.

Podemos tambem dar inalações ou fumigações de alcatrão ou de cresil, deitados sobre brasas.

Os animais doentes devem manter-se bem agasalhados.

Pneumonia ou inflamação dos pulmões

A *pneumonia* é uma doença sempre grave e contagiosa, originada por microbios auxiliados pelo frio.

Conhece-se pelos seguintes sintomas: febre alta e persistente; inapetencia; tristeza; conjuntivas vermelhas e chorosas; pulso apressado; respiração frequente e difficil, com movimentos sacudidos dos ilhais nos solípedes; ás vezes corrimento nasal, escuro; tosse difficil e rara.

Estes sintomas permanecem com pouca alteração durante 8 dias, pouco mais ou menos; no fim dêste periodo, dá-se a *crise* ou passagem para a cura, para a morte ou para o estado crónico. Se a tendencia é para a cura, os sintomas vão-se atenuando, voltando a alegria e o apetite. Se a marcha é para a morte, os sintomas agravam-se

dia a dia. Se a passagem é para o estado crónico, os doentes melhoram um pouco, mas persistem os sintomas. A convalescença é sempre longa, durando em regra 15 a 20 dias.

Os médicos-veterinários teem meios de apreciar melhor os sintomas da pneumonia, explorando o estado dos pulmões pela percussão, auscultação e marcha da temperatura.

O tratamento da pneumonia, nos animais grandes (solípedes e bovinos), pôde resumir-se no seguinte: alimentação regular em quantidade, mas composta de alimentos de facil digestão, tais como: grãos, bom fêno, aguas farinhosas e algum verde; applica-se ao peito um sinapismo ou, melhor, o unguento vesicatorio e, podendo ser, em vez disso, injectam-se cautelosamente, com uma seringa apropriada, debaixo da péle do peitoral, á direita e á esquerda, 20 gramas de essência de terebintina, 10 gramas a cada lado, desinfectando primeiro a péle dessa região com umas pinceladas de tintura de iodo fresca. Estas injeccões produzem dois fortes abcessos que, ao cabo de alguns dias, se tornam *maduros*, sentindo-se dentro fluctuar o pus, e então picam-se os abcessos e espremem-se cada dia, para dar saída ao seu conteúdo, evitando que este se putrefaça. Pouco a pouco o pus desaparece, retraindo-se a péle, que por fim volta ao seu natural, cicatrizando-se as feridas.

Internamente administra-se ao animal o lamberdor ou *juncada* seguinte:

Digital em pó.....	}	De cada, 6 gramas
Extracto de beladona.....		
» » acónito.....		

Iodeto de potassio.....	20 gramas
Sulfato de quinina.	25 »
Altéa em pó.....	} De cada, 50 gramas
Alçaçuz em pó.....	
Mel, farinha e agua	} Quanto baste para electuario

Esta dóse é para 3 dias, administrando-se com uma espátula ou uma boneca, que se esfrega sôbre a lingua.

Na agua da bebida convém dissolver 3o gramas de bicarbonato de soda, cada dia.

Nos animais pequenos podemos fazer o tratamento externo acima indicado, mas a dóse da essência de terebintina para as injeccões do peito deve ser reduzida a dez vezes menos; e o tratamento interno modifica-se do seguinte modo :

Tintura de digital.....	10 gramas
Iodeto de potassio.....	3 »
Xarope de codeina.....	} De cada, 100 gramas
Julepo gomoso.....	

Três colheres, das de sôpa, por dia.

Dissolve-se 1 grama de bicarbonato de soda em 2 decilitros de leite e dá-se este a beber, ás colheres, de hora a hora.

Congestão pulmonar

Os pulmões são ás vezes atacados de *congestão*, isto é, de sangue que aos pulmões acode em quantidade excessiva, prejudicando a respiração e podendo até produzir hemorragias. Todos os animais estão sujeitos a esta doença, cujas causas

são várias, sendo uma delas o calor exagerado ou tudo o que pôde provocar uma circulação rápida e violenta.

Conhece-se a congestão pulmonar pelos seguintes sinais: aparição súbita de um mal-estar geral, com dificuldade da respiração, a qual se torna muito acelerada e ansiosa; grande dilatação das ventas; ausencia de febre; corrimento nasal espumoso ou sanguinolento; pancadas frequentes e violentas do coração, como se verifica, applicando a mão aberta sobre o lado esquerdo do peito, junto ao cotovêlo; suores frios; conjuntivas arro-xadas. Ha outros sintomas, que só o médico-

veterinário consegue perceber por meio da auscultação do peito.

Se não acudirmos rapidamente ao animal, êste corre o perigo de morrer.

O tratamento consiste em pôr o doente ao ar livre ou num sitio amplo, onde o ar livremente circule;

abrir-lhe a bôca e puxar-lhe a lingua, executando com esta movimentos de vai-vem, no caso de haver asfixia imminente; fricções de agua de mostarda sôbre a espinha; tirar 3 a 6 litros de



FIG. 12 - Sangria no cavalo

sangue de veia jugular, a meio da tábua do pescoço do cavalo ou do boi; injectar debaixo da pele, com seringa apropriada, 10 a 20 gramas de éter; e aplicar sôbre a cabeça ou sôbre os costados compressas embebidas em agua fria, frequentemente renovada.

Internamente devemos administrar, na agua da bebida, 4 gramas de emético, 6 gramas de iodeto de potassio e 15 gramas de bicarbonato de soda.

Aos animais pequenos faz-se o mesmo tratamento, tendo, porém, o cuidado de reduzir sempre as doses a dez vezes menos.

Pleurisia ou inflamação da pleura

Esta doença, mais grave ainda do que a pneumonia, é muitas vezes consequencia da tuberculose; outras vezes, porém, complica a propria pneumonia ou outras moléstias.

Conhece-se pelos seguintes sinais: febre elevada; pulso frequente; respiração apressada e irregular, sendo maior a expiração do que a aspiração, isto é, os ilhais enchem-se quasi subitamente e esvasiam-se devagar; inapetencia; tristeza; dôr, quando se palpam os costados; ás vezes cólicas; tosse pequena e sêca.

Pela percussão e auscultação do peito, reconhecem-se outros importantes sintomas da pleurisia; mas só o veterinário é competente para fazer esse exame.

O tratamento da pleurisia é externo e interno. Externamente devemos seguir as regras indi-

cadras para a *Pneumonia*; mas podemos tambem injectar debaixo da p ele do pescoço, aos lados ou tábuas, com a seringa apropriada, o seguinte :

Sulfato de veratrina.....	1 centigrama
Cloridrato de pilocarpina.	2 decigramas
Agua destilada.....	3 gramas

Esta inject o repete-se nos dias seguintes. Internamente administramos aos animais grandes o lambedor seguinte :

Salicilato de soda.....	90 gramas
Digital em p�.....	, 6 �
Essência de terebintina.....	60 �
Infuso de estigmas de milho.	200 �
Alt�a em p�.....	} De cada, 50 gramas
Alcaçuz em p�.....	
Mel, farinha e agua.....	} Quanto basta para electuario brando

Esta dóse   para 3 dias, devendo ser administrada várias vezes ao dia, por meio de uma espátula ou uma boneca embebida no medicamento e esfregada sobre a lingua.

Na agua da bebida podemos tambem dar aos animais grandes, cada dia, 30 gramas de bicarbonato de soda.

Aos animais pequenos podemos fazer o mesmo tratamento, contanto que as d ses dos medicamentos sejam reduzidas   decima parte. Convém administrar aos cães ou gatos, em leite dado  s colherinhas, 5 a 10 centigramas de calomelanos. O infuso de café com leite tambem está bem indicado para estes animais.

Pulmoeira ou enfisema pulmonar

Os animais domésticos, principalmente os solípedes, e nêstes, mais que nenhum, o cavalo, estão sujeitos a uma moléstia, a *pulmoeira*, devida, a maior parte das vezes, a uma alteração especial do pulmão, chamada *enfisema pulmonar*. Esta alteração consiste num alargamento dos alvéolos, ou pequeninos compartimentos do interior dos pulmões. Em consequencia desta alteração, o pulmão perde a sua elasticidade, a respiração e a circulação ficam prejudicadas, e todo o organismo sofre com isso, tornando-se o animal fraco, incapaz de grandes esforços, e emmagrecendo a pouco e pouco.

A pulmoeira ou enfisema pulmonar é geralmente incuravel e inutiliza mais ou menos completamente o animal; por isso constitue um *vicio redibitorio*, isto é, uma doença ou defeito que, por ser incuravel e difficil de reconhecer aos olhos de quem não é veterinário, dá direito legal a rescindir ou anular o contrato de compra do cavalo, podendo o comprador apelar para o juiz da sua comarca, no caso de o vendedor se recusar a restituir-lhe o dinheiro recebido; mas para isso é necessario que o comprador requeira ao juiz dentro do prazo de 10 dias, incluindo aquêle em que recebeu o animal.

Conhece-se a pulmoeira principalmente pelo exame do ilhal esquerdo do cavalo, onde se nota uma irregularidade do movimento da expiração, quando o ilhal se cava ou recolhe, vendo-se então um sobressalto ou pausa a meio da expiração, com

uma sacudidela da parede do flanco. Ha tambem tosse sêca e frequente.

A's vezes, quando a pulmoeira está muito adeantada, não só a expiração, mas tambem a aspiração se mostra sacudida, e as costelas desenhavam-se então nitidamente, ao mesmo tempo que

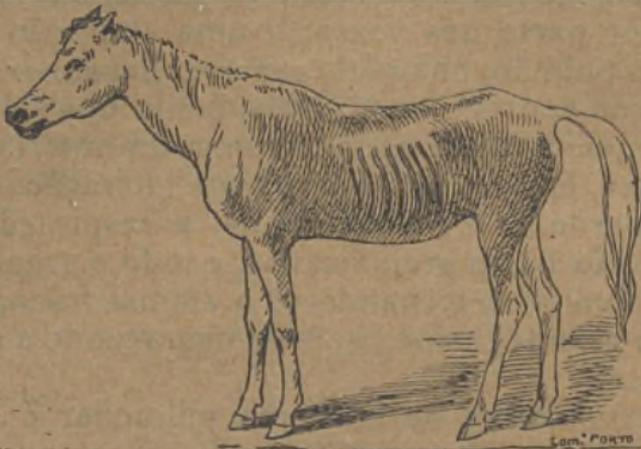


FIG. 13—Pulmoeira no último grau

as ventas se dilatam muito e o anus executa movimentos de vai-vem, correspondentes aos movimentos respiratorios.

Além d'isto, com o progresso da doença acentua-se a magreza, a pêle torna-se áspera e sêca, e os pêlos baços e irriçados.

Os médicos-veterinários possuem outros meios de exame para reconhecer a pulmoeira, por meio da percussão e da auscultação do peito, quando aquêles sintomas não são bem manifestos.

Os alquiladores, os ciganos e traficantes de cavalos sabem e empregam diversas artimanhas para mascarar a pulmoeira; mas, nêsses casos, os médicos-veterinários, pelo exame do peito do

animal, desmascaram a fraude. Por isso, quando ha processo judicial por motivo de pulmoeira como vicio redibitorio, é necessaria a intervenção official do veterinário, como perito médico-legal.

Sendo incurável a doença, quasi não vale a pena tentar tratamento, a não ser o emprêgo de alimentos reparadores, como os grãos de cereais, que num pequeno volume teem grande poder nutritivo. e ao mesmo tempo administra-se o ácido arsenioso, na dóse diaria de 25 centigramas, dentro dum pequeno miôlo de pão, durante duas semanas, descansando outras duas, para recommençar do mesmo modo. Podemos tambem dar, na agua da bebida diária, 6 gramas de iodeto de potassio, ou o seguinte lambedor ou *juncada*:

Arseniato de estricnina.....	} De cada, 14 centigramas
» » soda.....	
» » ferro.....	
Iodeto de potassio.....	35 gramas
Cravagem de centeio.....	30 »
Digital em pó.....	40 »
Mel ou xarope.....	500 »
Altéa em pó.....	} De cada, 200 gramas
Alcaçuz em pó.....	
Agua e farinha.....	} Quanto baste para electuario

Esta dóse é para uma semana.

Administra-se o lambedor várias vezes ao dia, por meio duma espátula ou boneca embebida no remédio e esfregada sobre a lingua.

DOENÇAS DO APARELHO CIRCULATORIO

Cardiopatias ou doenças do coração

As doenças do coração são muito difíceis de reconhecer por quem não fôr veterinário. O coração está sujeito a diversas lesões que o alteram

e produzem graves perturbações; mas, para as reconhecer, é preciso auscultar o peito e observar outros fenômenos que os profanos em medicina veterinária não podem apreciar. Por estas razões poremos de parte o estudo individual das doenças do coração, e sómente diremos que, quando notarmos que o pulso arterial está alterado, batendo apressadamente, ou, pelo contrário, muito lentamente, com violencia



FIG. 14—Edema, por cardiopatia, no cavalo

umas vezes, ou inversamente com muita fraqueza, podendo tambem haver o pulso venoso, observado na jugular ou veia do pescoço, e quando ao mesmo tempo, applicando a mão sôbre a região ex-

terna do coração, sentirmos este órgão bater nessas mesmas condições, devemos supôr haver uma cardiopatia ou lesão cardíaca, sobretudo se o animal apresentar alguns edêmas e fraqueza geral.



FIG. 15—Edêmas e ingurgitamento da jugular, por cardiopatia, na vaca

Então, embora se não possa diagnosticar ao certo a natureza do mal, consegue-se, todavia, melhorar o doente, administrando-lhe a seguinte *juncada* ou electuario:

Digital em pó.	}	De cada, 6 gramas
Noz vômica em pó.....		
Infuso de café.....		300 gramas
Carbonato de ferro.....		30 "
Alcaçuz em pó.....	}	De cada, 50 gramas
Altéa em pó.....		
Mel, farinha e agua		Quanto baste para electuario

Esta dóse é para 3 dias, para o cavalo ou boi, devendo ser administrada fraccionadamente, durante o dia, com uma espátula sôbre a lingua.

Se o doente é um cão, a fórmula passa a ser a seguinte:

Tintura de digital.....	6 gramas
Poção de Todd.....	50 "
Julepo gomoso.....	100 "

Dóse para 3 dias,

Dá-se ás colheres, das de chá, várias vezes ao dia.

Pericardite traumática

O gado bovino é muito sujeito a uma lesão causada por corpos ponteagudos ou vulnerantes, como agulhas, gan-



FIG. 16—Edema da barbeta, na pericardite traumática da vaca

chos, fragmentos de vidro, etc., que os animais desta especie engolem e que depois, perfurando a pança, vão cravar-se no *pericárdio*, isto é, no véo que envolve o coração.

Conhece-se que o boi tem esta doença pelos seguintes sinais:

tristeza; inapetencia; falta de ruminação; emmagrecimento; fraqueza; arrôtos fétidos; febre; pul-

so cardíaco fraco e pulso arterial ainda mais fraco; veias do pescoço muito engrossadas e com pulsações como se fossem artérias; conjuntiva arroxada; edema ou inchaço cada vez maior, desde o queixo



FIG. 17—Jugular ingurgitada na pericardite da vaca

inferior, ao longo do pescoço, até ao peito; respiração frequente e afritiva; tosse pequena.

Observando-se todos estes sintomas, pôde concluir-se que o animal tem uma *pericardite traumática* e, como esta doença é incurável, não convém fazer tratamento, devendo-se promover logo a venda do animal para o açougue.

Anemia

A *anemia* é uma doença devida á pobreza do sangue, sendo diversas as suas causas, como alimentação insuficiente, trabalho excessivo e diversas doenças.



FIG. 18—Edema num boi anémico

Conhece-se a anemia pela fraqueza geral do doente; sua magreza cada vez maior; edêmas ou inchaços subcutaneos em diversas regiões, principalmente nas partes declives; côr pálida da conjuntiva e outras mucosas, que se apresentam infiltradas de serosidade; pulso apressado, mas fraco; perturbações digestivas,

como é a inapetencia, a diarréa, ou, pelo contrário, a prisão do ventre.

O tratamento pôde ser o seguinte:

Sulfato de ferro.....	} De cada, 150 gramas
Carbonato de soda.....	
Agua fervida.....	
Alcaçuz em pó.....	} De cada, 50 gramas
Altéa.....	
Mel, farinha e agua.....	} Quanto baste para ele- ctuarjo

É dose para 3 dias, propria para animais grandes, devendo administrar-se diversas vezes no dia, com uma espátula sôbre a lingua.

Para o cão, serve est'outra fórmula :

Tintura de noz vômica...	50 centigramas
Leite.....	1 decilitro

Três colheres, das de sôpa, por dia.

Podemos tambem administrar as seguintes pilulas :

Lactato de ferro.....	50 centigramas
Sulfato de estriçnina.....	1 miligrama
Genciana em pó.....	1 grama

Faça uma pilula e como esta mais 11.

Dá-se uma pilula por dia, na primeira refeição.

Na anemia dos carneiros ou cabras convém administrar aos doentes agua ferrea, para o que basta deitar de véspera alguns pregos de ferro na agua destinada á bebida. Na ração devemos fazer entrar grãos de cereais, farélos, bagaços, e de mistura pedaços de ramos de salgueiro ou de giesta.

DOENÇAS DO APARELHO URINARIO

Nefrite ou inflamação dos rins

Os rins podem inflamar-se por causas muito diversas, principalmente de origem alimentar, ou por dificuldade da emissão das urinas.

Conhece-se a *nefrite* por febre, inapetencia, sensibilidade exagerada da região dos lombos, pela posição que o animal toma, quando de pé, arqueando a espinha, afastando os membros posteriores e arrastando-os, quando marcha, prisão do ventre, cólicas, respiração difficil, suores abundantes, vômitos nos carnívoros, edêmas ou inchaços debaixo da péle, urinas expulsas com frequencia, mas pouco abundantes, viscosas e ás vezes até sanguinolentas.

A nefrite póde ser aguda ou crónica, conforme tem marcha rápida ou lenta. Quando aguda, tem os sintomas acima indicados. Quando crónica, estes sintomas atenuam-se, mas o doente emmagrece, torna-se fraco e anémico.

A nefrite aguda trata-se, applicando cataplasmas ou compressas quentes sôbre a região lombar, sinapismos sôbre a face interna das côxas e dos braços ou sôbre os costados, e internamente administrando beberagens, como a seguinte :

Bicarbonato de soda	30 gramas
Infuso de barbas de milho	De cada, meio litro
Infuso de sementes de linho ou de grama	

Dá-se por meio duma garrafa, em 4 porções, de duas em duas horas.

Convém acrescentar o seguinte lambedor :

Digital em pó	6 gramas
Brometo de potassio	60 »
Canfora em pó	25 »
Altéa » »	100 »
Mel, farinha e agua	Quanto baste para electuario

Esta dóse é para 3 dias, para os animais grandes. Administra-se com uma espátula sôbre a lingua, várias vezes ao dia.

Os purgantes também teem aqui sua applicação. Tal é, por exemplo, o sulfato de soda, na dóse de 400 a 500 gramas, dissolvido em agua e dado ao cavallo pela manhã, em jejum.

A nefrite do cão trata-se também por meio de compressas quentes sôbre os rins, purgando com 30 gramas de sulfato de soda em 2 decilitros de agua, e dando infuso de café com leite, tendo em suspensão o pó de digital na dóse de 10 centigramas.

A nefrite crónica só no cão vale a pena ser tratada, administrando-se ao doente a medicação seguinte :

Tintura de digital.....	6 gramas
Iodeto de sodio.....	50 centigramas
Bicarbonato de soda.....	1 grama
Leite.....	200 gramas

É dóse diária, para dar ás colheres, das de sopa.

Se o sintoma dominante da nefrite fôr a hematuria, isto é, a urina carregada de sangue, devemos empregar a seguinte medicação :

Cloreto de calcio.....	10 gramas
Infuso de sementes de linho..	1 litro

Dá-se ao cavallo, em 2 porções, durante o dia. Ao cão dez vezes menos.

Cistite ou inflamação da bexiga

A *cistite* ou inflamação da bexiga tem geralmente as mesmas causas e quasi os mesmos sintomas que a nefrite. O animal tenta urinar frequentemente, mas só em pequena quantidade e difficilmente pôde emitir a urina, que ás vezes é purulenta ou vermelha; ha tambem cólicas e grande agitação do doente.

O tratamento da cistite pôde ser o mesmo que indicámos para a nefrite.

Hematúria e hemoglobinémia

A *hematúria* não é propriamente uma doença, mas, como dissemos a proposito da nefrite, apenas um sintoma, que consiste em o animal emitir urina de côr vermelha, sanguínea. A hematúria pode complicar a nefrite, a cistite e certas doenças contagiosas, como a baceira ou febre carbunculosa.

Os bois são frequentemente atacados duma molestia grave, microbiana, chamada *piroplasmose*, de que falaremos no volume das *Doenças contagiosas*, e em que aparece a urina vermelha, tendo este sintoma o nome vulgar de *ferrujão*.

Os solípedes, principalmente o cavalo, são tambem, por vezes, affectados dêste mesmo sintoma, pertencente a outra doença chamada *hemoglobinémia* ou *hemoglobinúria*.

Conhece-se a hemoglobinémia, no cavalo, pelos

sinais seguintes: tendo o animal descansado um dia e comido bem a sua ração, ao outro dia, saindo da cavalaria, principalmente se o ar exterior estiver bastante frio, vêmo-lo subitamente vacilar do terço posterior e cair redondamente no chão, sem se poder levantar. Erguido á força, o doente mostra-se derreado, com os musculos rígidos e doridos nos membros posteriores e mais raramente nos anteriores. A urina que depois expulsa é mais ou menos vermelha.

Nem sempre os sintomas são assim tão nítidos, havendo cavalos que mostram a paralisia muscular acima indicada, sem contudo caírem, e nem sempre a urina tem a côr do sangue.

O frio parece ser uma das causas desta doença, que em parte se confunde com o reumatismo muscular. V. *Reumatismo*.

O tratamento da hemoglobinémia consiste em pôr o animal numa funda de suspensão (fig. 19),



FIG. 19—Aparelho de suspensão do cavalo

para não cair e magoar-se; fazer uma sangria de 5 ou 6 litros na jugular ou veia do pescoço; purgar com 500 gramas de sulfato de soda na agua da bebida; fazer debaixo da péle, com a seringa apropriada, injeccões de 2 decigramas de

cloridrato de pilocarpina dissolvido em 3 grammas de agua destilada, alternando com outras

injecções de cafeína, consoante a fórmula seguinte:

Cafeína.....	}	De cada, 2g,50
Benzoato de sodio.....		
Agua destilada e esterilizada .		5 gramas

Esta dóse é para 3 injecções, dadas de hora a hora.

Devemos tambem aplicar sinapismos sobre os costados ou na face interna dos braços e côxas, e fazer maçagens sobre os musculos paralisados.

Os doentes devem ser mantidos com muito agasalho, evitando as correntes de ar.

DOENÇAS DO APARELHO GENITAL

Impotencia e esterilidade

Chama-se *impotencia* a impossibilidade dos machos fecundarem, o que pôde ser devido a alterações dos testículos, ou á falta de erecção do pênis. *Esterilidade* é a impossibilidade da fêmea conceber, em consequencia de lesões dos órgãos da geração ou por fraqueza do organismo.

Estes defeitos ou doenças são difíceis, quando não impossiveis, de curar. Todavia, tratando-se de animal valioso como reprodutor de boa raça e estampa, podemos tentar algum tratamento.

Se suspeitarmos que tais defeitos provêm de fraqueza do organismo, procuraremos fortificar êste com alimentação tónica, como são os grãos de cereais, as farinhas, as favas, etc. Auxilia-se essa alimentação com o seguinte *mache* aperitivo:

Aveia	500 gramas
Farinha de cevada	80 »
Sêneas	160 »
Fêno recortado	De cada, 200 gramas
Palha recortada	
Sal comum	10 gramas
Agua a ferver	2 litros

Como medicamentos, podemos usar os seguintes:

Acido arsenioso em pó	2 decigramas
Noz vômica em pó	1 grama

Num papel, mais 14 iguais.

Dá-se um papel por dia, deitando os pós sôbre sêneas levemente humedecidas.

Podemos tambem empregar o cloridrato de ioimbina, dado pela bôca ou em injeções hipodérmicas. Pela bôca, em beberagem ou *garrafada*, ou ainda mesmo na bebida habitual, serve a solução seguinte:

Cloridrato de ioimbina	30 centigramas
Agua	500 gramas

Esta dóse é para solípedes; para bovinos é só 10 centigramas; para caninos, 1 centigrama.

Para injeção hipodérmica podemos usar a seguinte fórmula:

Cloridrato de ioimbina) . . .	30 centigramas
Agua destilada e esterilizada	30 gramas

Esta dose é para 6 injeções, dadas de duas em duas horas ao cavallo ou égua.

Para os outros animais servem as doses acima indicadas.

A ioimbina desperta os ardores genésicos, tanto no macho como na fêmea; mas, como é um medicamento perigoso, irritante dos órgãos urinarios e genitais, tem que ser administrada com muita parcimónia e cautela.

As cantáridas em pó são empregadas de longa data com o mesmo fim; mas o seu uso é ainda mais perigoso que o da ioimbina.

Para as vacas e éguas podemos administrar a seguinte beberagem:

Cantáridas em pó	9 gramas
Bagas de zimbro em pó . .	90 "
Agua	3 litros

Dá-se 1 litro pela manhã, outro ao meio dia, outro á noite, podendo repetir-se esta medicação no dia seguinte.

As vezes a esterilidade é devida á acidez do muco vaginal; neste caso, devemos fazer injeções vaginais com qualquer dos seguintes líquidos:

Fosfato de soda	20 gramas
Agua fervida	1 litro
Bicarbonato de soda	5 gramas
Agua fervida	1 litro

Estas injeções só se dão mornas e podem repetir-se duas ou três vezes, antes da cobrição.

Nos animais reprodutores devemos evitar a obesidade ou gordura excessiva, porque esse estado impede geralmente a concepção.

Satiriase e ninfomania

Satiriase é o ardor genésico imoderado no macho; na fêmea chama-se *ninfomania*. Os animais atacados dêste vício estão sempre desassocegados, não engordam e mal podem prestar qualquer serviço.

Combatem-se estes defeitos, dando a beber o seguinte :

Brometo de potassio ou de canfora	4 grammas
Xarope	200 "

Para o cão ou cadela, ás colheres, das de sopa, 3 por dia.

Para os solípedes ou bovinos, serve est'outra fórmula:

Brometo de canfora	30 grammas
Decocto de sementes de linho	1 litro

Para dar em 2 ou 3 porções, durante o dia, repetindo-as nos dias seguintes.

No caso de se não obter resultado com esta medicação, resta ainda o recurso de castrar o animal, ou de o mandar para o talho, se é proprio

para isso. Às vezes também o trabalho aturado e a separação dos dois sexos produzem bom efeito.

Febre puerperal ou septicemia e paralisia das parturientes

Chama-se impropriamente *febre puerperal* um acidente que sobrevem após o parto de algumas fêmeas domésticas, principalmente da vaca, consistindo em paralisia do terço posterior e prostração geral, acompanhada, às vezes, de febre. Nem sempre este acidente é febril e até parece que, quando o é, as causas não são as mesmas que produzem a simples paralisia puerperal.

Quando ha febre, trata-se provavelmente duma infecção sobrevinda depois do parto. Quando a febre falta, a paralisia e a prostração parecem devidas a uma anemia cerebral, resultante de acudir o sangue em grande quantidade às mamas, que logo depois do parto entram em grande trabalho funcional.

Temos, portanto, que distinguir entre estes dois estados, não se devendo esquecer que, excepcionalmente, podem existir ambos no mesmo animal.

Se a moléstia é desacompanhada de febre, o melhor tratamento a fazer consiste em injeções de ar puro no úbere do animal, podendo para



FIG. 20—Aparelho de Evers

isso servir um aparelho apropriado, que tem o nome do inventor Evers, e consiste numa bomba aspirante e premente, com um filtro para purificação do ar. Uma cânula do aparelho aplica-se aos orifícios dos mamilos, injectando-se o ar, até que o úbere fique completamente distendido. Na falta do aparelho de Evers, podem servir as bombas usadas para encher os pneumáticos das bicicletas e automoveis, contanto, porém, que o ar passe através dum filtro de algodão esterilizado, para não ir infectar o interior do úbere.



FIG. 21—Tratamento da paralisia puerperal da vaca

Com este simples tratamento, o animal restabelece-se rapidamente, como por encanto.

Convém auxiliar o tratamento com injeções hipodérmicas do seguinte:

Cafeína	}	De cada, 3 gramas
Benzoato de sódio		
Agua destilada		4 gramas

Esta dóse serve para 3 injeções, dadas de hora a hora.

Finalmente, podemos friccionar fortemente a região dos rins com uma flanela sêca ou embebida num liquido irritante, como o seguinte:

Essência de terebintina	}	De cada, 100 gramas
Amónia		
Alcool canforado		

No caso de infecção ou septicémia puerperal, isto é, havendo febre, o tratamento deve ser: desinfectar as vias genitais e combater a febre.

Para isso podemos injectar no útero algumas das soluções seguintes, mornas:

Cresil	10 gramas
Agua fervida	1 litro
Iodo	50 centigramas
Agua fervida	1 litro
Permanganato de potassio	1 grama
Agua fervida	1 litro

Esta dóse póde repetir-se várias vezes ao dia, devendo ser administrada, á temperatura do corpo do animal, por meio dum tubo de borracha flexivel, bastante comprido, introduzindo-se uma das extremidades, armada duma cânula, na vagina e útero, e levantando-se bem alto a outra extremidade, á qual se aplica um funil para nêle se deitar o líquido. Deixa-se ficar este no útero alguns minutos e depois baixa-se o tubo ainda cheio, para que o líquido possa sair. Um irrigador ordinário serve perfeitamente para este fim.

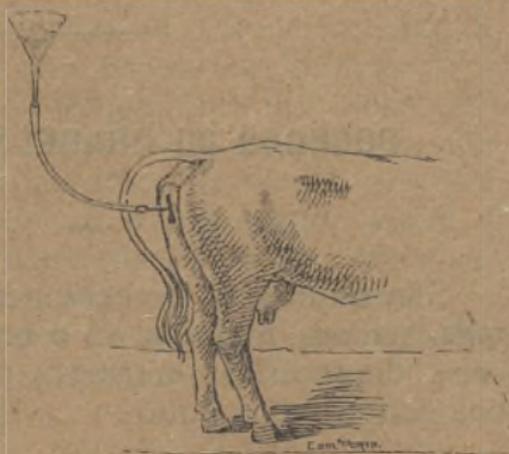


FIG. 22—Injecção uterina na vaca

Nos animais não ruminantes pôde empregar-se sem receio, para estas injecções uterinas, o sublimado corrosivo, na seguinte solução morna:

Sublimado corrosivo.....	1 grama
Agua fervida.....	1 litro

Para combater a febre e a prostração, podemos administrar a seguinte beberagem:

Sulfato de quinina.....	8 gramas
Alcool ou aguardente de vinho	200 "
Infuso de café.....	1 litro

Dá-se esta dóse diária, em 2 porções, aos animais grandes. Aos pequenos, a dóse é dez vezes menor.

DOENÇAS DO APARELHO NERVOSO

São muitas as doenças nervosas dos animais, mas, na sua maioria, só o médico-veterinário as sabe diagnosticar e tratar; por isso, de poucas nos ocuparemos aqui.

Imobilidade

Esta doença é propria dos cavalos adultos e aparece como consequencia de lesões dos centros nervosos da cabeça, produzidas por inflamação,

congestão, insolação, hidropisia e tumores dêsse órgãos.

A imobilidade conhece-se pelos seguintes sinais: torpôr ou estupidez do animal; indiferença para tudo que o rodeia; olhos semicerrados; olhar vago; cabeça parada ou apoiada detidamente nalgum objecto; posições demoradas e extravagantes dos membros, ás vezes em equilibrio pouco estavel, conservando cruzadas as mãos ou os pés; dificuldade ou impossibilidade de recuar, de ladear e voltar; esquecimentos repetidos, parando o animal de mastigar ou de beber, ficando com a comida na bôca ou demorando o focinho dentro da bebida; outras vezes o doente tem excitações súbitas, enchendo-se de mêdo mal justificado, encabritando-se ou escouceando sem motivo aparente.

Esta doença geralmente não tem cura, embora haja intervalos em que parece melhorada. Por essa razão a imobilidade constitue um *vicio redibitorio*, isto é, uma das doenças que por lei dão direito á rescisão do contrato da venda ou troca do animal, contanto que o comprador assim o requeira ao juiz, dentro do prazo de dez dias, contados daquele em que recebeu o cavallo.

Sendo quasi sempre incuravel a imobilidade, não vale sequer a pena tentar o tratamento.

Meningo-encefalite ou vertigem cerebral

Esta inflamação dos centros nervosos do crânio pode atacar qualquer animal e é sempre muito grave. Conhece-se pelos sintomas seguintes: febre, prostração, conjuntivas injectadas,

completa inapetencia, grande sensibilidade para a luz e para os ruidos, prisão dos membros, ás vezes movimentos bruscos e desordenados, com grande excitação nervosa.

O tratamento consiste em sangrar logo no comêço, aplicar sôbre a nuca gêlo ou compressas frias, a fazer na mesma região fricções com unguento vesicatório e dar internamente o seguinte:

Bicarbonato de soda	30 gramas
Iodeto de potassio	6 »

Dissolvem-se estes dois sáís na agua da bebida de cada dia.

Isto para os animais grandes; para os pequenos a dose é dez vezes menor.

Purga-se o cavallo uma vez, pela manhã, em jejum, com o seguinte:

Sulfato de soda	200 gramas
» de magnesia	100 »
Oleo de rícino	80 »
Decocto de cevada	1 litro

Devemos manter o doente bem agasalhado, longe da luz, dos ruidos e das correntes de ar. A dieta é de rigor: alimentos de facil digestão, como erva verde, bebidas farinhosas e fêno macio, tudo em moderada quantidade.

Mielite ou inflamação da espinhæl medula

Esta doença é pouco frequente e quasi sempre devida a *traumatismos* ou pancadas sobre a espinha do animal. Conhece-se pela irregularidade da

marcha, principalmente nos membros posteriores, que se entrecruzam; pela dificuldade de recuar ou voltar; pela fraqueza dos rins; pela micção e defecação raras e difíceis; e finalmente pela paralisia cada vez maior dos músculos do terço posterior.

O tratamento consiste em aplicar compressas frias ou fricções irritantes sobre os rins, podendo para isso servir o álcool canforado, a amónia e a essência de terebintina, e internamente a medicação que indicámos para a *meningo-encefalite*.

Tambem é útil o seguinte lambedor:

Noz vómica em pó.....	6 gramas
Quina em pó	50 »
Genciana em pó.....	30 »
Infuso de café.....	500 »
Altéa em pó.	De cada, 50 gramas
Alcaçuz em pó.....	
Mel, farinha e agua.....	Quanto baste para electuario

Dá-se esta dose aos grandes animais durante 3 dias, podendo repetir-se.

Sufocação e insolação

No verão, quando os animais, ficam muito tempo expostos ao sol, e tambem quando se acumulam, mesmo á sombra, num espaço muito estreito, sobreveem sufocações, palpitações, ansiedade, falta de ar, conjuntivas arroxadas, suores frios, febre alta, fraqueza geral, vacilação do terço posterior e queda do animal.

O tratamento deve ser rápido.

Se a asfixia é alarmante, abre-se a bôca ao animal, puxa-se-lhe a lingua e com ela se executam movimentos de vai-vem. Praticam-se injeções subcutaneas com o seguinte liquido:

Sulfato de veratrina.	1 centigrama
Cafeína.	} De cada, 2 gramas
Benzoato de soda.	
Alcool.	
Agua destilada.	5 gramas

É dóse para 3 injeções por dia, a dar aos grandes animais; para o porco basta uma injeção.

Epilepsia

Nos animais domésticos é rara a epilepsia, mas todos a podem ter, principalmente os cães. Conhece-se pelos seguintes sinais: aparição súbita de tremôres e agitação convulsiva, caíndo o animal e executando movimentos desordenados, revolvendo os olhos, rangendô os dentes, deitando pela bôca muita saliva espumosa, inteiriçando o pescoço e os membros, soltando gemidos e gritos, respirando ruidosamente, urinando e defecando sem consciencia no meio das convulsões. O ataque dura alguns minutos, e pouco a pouco tudo volta á normalidade, levantando-se o animal apenas um pouco enfraquecido. Os ataques repetem-se com mais ou menos frequencia.

A epilepsia geralmente é incuravel, mas podemos paliá-la, administrando os bromêtos. Serve a seguinte fórmula:

Brometo de potassio.....	}	De cada, 2 gramas
» » sódio.....		
» » amónio.....		
» » estroncio.....		
» » canfara.....		
Alcool.....	}	De cada, 50 gramas
Glicerina.....		
Julepo gomoso.....		200 gramas

Dá-se ás colheres, das de sôpa, 3 por dia, ao cão.

Para os grandes animais basta o brometo de potassio, na seguinte fórmula:

Brometo de potassio.....	30 gramas
Infuso de tilia.....	1 litro

Para dar em 3 porções, durante o dia.

Em certos casos a epilepsia é apenas uma consequencia nervosa da helmintíase ou verminose intestinal dos animais. Vêr *Verminose*. Convém então libertar o doente dos vermes, ordinariamente ténias, que o infestam, servindo para isso o seguinte:

Extracto etereo de feto macho	4 gramas
Calomelanos.....	3 decigramas

Dá-se ao cão, no leite, de manhã, em jejum.

Tornéo, vágado ou cenurose

Os carneiros, as ovelhas e mais ainda os cordeiros são ás vezes atacados desta doença nervosa, causada pela presença da larvas duma ténia espe-

cial, as quais se vão alojar e enquistar nos centros nervosos da cabeça ou da coluna vertebral. A ténia, de que se trata, habita o intestino dos cães e as suas pevides saem com os excrementos, indo infestar as ervas das pastagens, passando depois para o estômago ou intestinos dos carneiros, e alojando-se mais tarde nos miolos dêstes animais. Os cães, comendo a mioleira dum carneiro assim infectado, produzem a ténia no seu intestino.

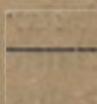
Os sintomas do tornéo são: inapetencia, torpôr, magreza, perturbações da vista, cegueira, cabeça prolongada sôbre o pescoço ou, pelo contrario, metida entre as mãos, marcha inconsciente para deante, outras vezes em circulo, para a direita ou para a esquerda, paralisias, manqueiras, vertigens e convulsões que parecem de epilepsia.

O tornéo é incuravel, ou, pelo menos, não vale a pena tentar o tratamento, sendo melhor mandar quanto antes o animal para o matadouro. Mas ha uma maneira facil de prevenir ou impedir os casos de tornéo: para isso basta que periodicamente purguemos os cães de rebanho num recinto reservado, administrando-lhes, por exemplo, qualquer das seguintes fórmulas:

Extracto etéreo de feto macho.	4 gramas
Calomelanos	3 decigramas
Leite	100 gramas
Cloroformio	2 gramas
Cresil	4 " "
Julepo gomoso	200 " "

Dá-se, qualquer delas, pela bôca, de manhã, em jejum,

Se suspeitarmos que um prado ou um ribeiro, aonde os rebanhos costumam ir pastar, está infestado de pevides de ténia dos cães, devemos retirar daí os carneiros.



DOENÇAS DO APARELHO LOCOMOTOR

Reumatismo

O *reumatismo* é uma doença mal conhecida ainda nas suas causas e que consiste numa inflamação localizada ora nos músculos, ora nas articulações, variando frequentemente de lugar.

Ataca todos os animais.

Ignora-se a sua causa principal, mas não ha dúvida de que o frio e a humidade contribuem muito para esta doença.

Divide-se o reumatismo em *muscular* e *articular*.

Os sinais do *reumatismo muscular* são os seguintes:

Aparição súbita de dôres em certas regiões musculares, como são o pescoço, as espáduas, os braços, os ombros e as côxas, apresentando-se a região inflamada com os músculos duros, ingurgitados e dolorosos, mal podendo contrair-se. Em consequencia disso, os movimentos do animal são difíceis, limitados, havendo claudicações ou manqueiras mais ou menos acentuadas. A caracteris-

tica destas inflamações é não serem fixas, aparecendo e desaparecendo duma para outra região. Algumas vezes o reumatismo muscular acompanha-se de febre.

O *reumatismo articular* aparece também subitamente, com febre, falta de apetite, dôr muito viva e ingurgitamento quente duma ou de várias articulações, principalmente nas espáduas, braços, lombos e côxas, obrigando o animal a mancar intensamente, quando obrigado a mover-se. Também nesta especie de reumatismo as localizações da inflamação são variaveis, passando facilmente duma para outra articulação.

Das duas especies de reumatismo, esta última é a peor, porque, além da febre muito intensa, tem ás vezes complicações graves, como são: abscessos nas articulações, doenças do coração, pleurisias, peritonites, meningites, etc.

O reumatismo articular muitas vezes torna-se crónico.

O tratamento do reumatismo muscular ou articular é externo e interno.

Externamente consiste em mitigar ou derivar a dôr dos músculos ou das articulações doentes, servindo para isso as unções e fricções com líquidos ou pomadas, como os seguintes:

Salicilato de metil.)	De cada, 100 gramas
Linimento sedativo de Ricord.)	
Petróleo bruto)	200 gramas
Alcool canforado)	100 gramas
Amônia)	De cada, 50 gramas
Essência de terebintina)	

Pomada canforada.....	100 gramas
» de beladona.....	50 »

Internamente empregamos o salol ou o salicilato de soda, em electuario ou lambedor, e conjuntamente o bicarbonato de soda, podendo servir a seguinte fórmula :

Salicilato de soda.....	150 gramas
Bicarbonato de soda.....	90 »
Iodeto de potassio.....	20 »
Digital em pó.....	6 »
Altéa em pó.....	} De cada, 50 gramas
Alcaçuz em pó.....	
Mel, farinha e agua.....	} Quanto baste para electuario brando

Esta dóse é para 3 dias, para os animais grandes, administrando-se várias vezes ao dia com uma espátula sôbre a lingua.

Em vez do salicilato de soda, podemos usar o salol, na dóse de 15 a 25 gramas por dia, no electuario acima indicado.

Para o cão, o tratamento externo é o mesmo; internamente administraremos o seguinte :

Salicilato de soda.....	10 gramas
Xarope comum.....	50 »
Agua de tilia.....	100 »

Para ser dado ás colheres, das de sôpa, 3 por dia.

Raquitismo

Consiste o *raquitismo* em fraqueza e deformação dos ossos, por falta de sais calcáreos.

A principal causa desta doença é a pobreza da agua ou dos alimentos em sais de cal.



FIG. 28 — Cordeiro raquítico

O raquitismo é próprio dos animais novos.

O tratamento consiste em suprimir aquelas causas e dar aos doentes alimentos variados e fosfato de cal, podendo servir para isso as seguintes fórmulas:

Oleo de figados de bacalhau, fosforado

Uma colher, das de chá, por dia, ao cão; 4 colheres ao poldro e ao vitelo.

Lactofosfato de cal

Quatro colheres, das de chá, por dia, ao cão.

Fosfato de cal ou pó de ossos

Na dóse de 5 gramas para o poldro ou vitelo, na ração; e de 1 grama para os cães, numa colher de leite.

A's galinhas raquiticas convém dar, cada dia, uma pitada de fosfato de cal ou pó de ossos, nas papas ou farelos.

Osteomalácia

Esta doença, ao contrario do raquitismo, ataca os animais adultos, principalmente as vacas leiteiras. Consiste em os ossos amolecem, perdendo pouco a pouco os seus sais calcáreos, tornando-se cada vez mais frágeis, originando

fracturas, torções, manqueiras, e por fim fraqueza geral, mal podendo levantar-se o doente.

O tratamento é igual ao do raquitismo, devendo alimentar-se bem as vacas doentes com grãos de cereais, favas e bebidas farinhosas, e dando-se-lhes pó de ossos ou fosfato de cal, na dose diária de 40 gramas, de mistura com a ração.

Vêr *Raquitismo*.

Medicações usuais

Não sendo médicos-veterinários, os donos dos animais precisam de aprender as fórmulas mais práticas de medicar os seus doentes. Vamos, por isso, indicá-las sumariamente.

DÓSES DOS MEDICAMENTOS. — Em primeiro lugar convém saber em que relação estão as doses dos medicamentos nas diferentes espécies animais. Tomando para ponto de partida um cão adulto, de estatura regular, designaremos por 1 a dose que em geral lhe pertence. Teremos então, para os diferentes animais, a seguinte escala :

Aves de capoeira.....	0,1
Gatos.....	0,5
Cães.....	1
Porcos.....	} 2
Carneiros.....	
Cabras.....	
Cavalos.....	} 10
Jumentos.....	
Muareis.....	
Bois.....	12

A d6se do c6o 6 igual 6 que os m6dicos habitualmente d6o 6s pessoas.

O tamanho e a idade do doente influem mais ou menos na d6se; mas para isso n6o ha regra absoluta.

ELECTUARIOS. — Nas doen7as internas, como s6o as que n6ste livro descrevemos, nem sempre conv6m medicar os doentes por meio de *beberagens* dadas 6 for7a com a colher ou com uma garrafa introduzida na b6ca, porque muitas vezes essa administra76o for7ada impede o animal



FIG. 24 e 25—Grades ou *speculum oris*, para abrir a b6ca aos animais.

de engulir bem o medicamento e 6ste, em vez de ir para o est6mago, entra na laringe e vai cair nos pulm6es, produzindo uma pneumonia gangrenosa, quasi sempre mortal. Por isso, 6 preferivel dar os medicamentos aos animais grandes sob a f6rma de *electuario*, vulgarmente chamado *lambedor* ou *juncada*, que se

administra com uma esp6tula ou uma boneca s6bre a lingua, v6rias vezes ao dia. Como os electuarios, al6m dos medicamentos activos, cont6em mel e outras substancias d6ces, os animais preferem esta f6rma de medica76o.

BEBIDAS. — Tambem os animais aceitam facilmente os medicamentos, quando dissolvidos na agua da *bebida*, que 6les tomam volunt6riamente, excepto se o medicamento comunica 6 bebida sab6r ou cheiro desagradavel.

BEBERAGENS. — Chama-se *beberagem* o liquido medicamentoso que se dá á força pela bôca do doente. Só devemos usar beberagens, quando temos a certeza de que a doença não impede o animal de engulir bem, para evitar a penetração do liquido nos pulmões. As beberagens administram-se aos animais grandes por meio duma garrafa metálica, para não se quebrar na bôca do doente, ou, senão, com uma garrafa ordinaria cujo gargalo se envolve numa flanela ou pano grosso. Abre-se a bôca do animal, com a cabeça um pouco levantada, metendo-se-lhe de lado os



FIG. 26 — Modo de administrar uma poção ao cão



FIG. 27 — Modo de administrar um bôlo ao cavalo

dedos entre as *barras*, isto é, entre os dentes incisivos e os molares, e nesse intervalo se mete o gargalo da garrafa. Podemos também servir-nos duma seringa grande, de metal.

POÇÕES. — Aos cães administram-se os medicamentos líquidos, de preferencia sob a tórma de *bebida*, quando o animal a toma espontaneamente; mas, se o medicamento tem sabôr ou cheiro des-

agradavel, dá-se-lhe sob a fórma de *poção*, administrando esta por meio duma colher que se introduz num dos cantos dos labios.

PILULAS E BÔLOS. — Aos diversos animais tambem, ás vezes, se administram medicamentos sob a fórma de *pilulas* ou de *bôlos*. O bôlo não é mais do que uma pílula grande, própria para o cavallo ou boi.

Se uma pílula pesa, em média, 5 gramas, o bôlo deve pesar cêrca de dez vezes mais, isto é, 50 gramas.

Exemplo duma *pilula* tónica, para o cão :

Lactato de ferro.....	30 centigramas
Noz vómica em pó.....	15 »
Genciana em pó.....	} Quanto baste para uma pílula
Xarope.....	

Exemplo dum *bôlo* purgativo, para o cavallo :

A'loes.....	25 gramas
Coloquintida em pó.....	2 »
Sabão medicinal.....	} Quanto baste para um bôlo

COMPRESSAS. — As *compressas*, quentes ou frias, fazem-se com um sacco ou com um pano dobrado várias vezes e embebido em agua fria ou quente.

CATAPLASMAS. — As *cataplasmas* são geralmene feitas com linhaça, farelos, serradura ou grêda, suspensos em agua ordinaria, agua de sulfato de cobre, ou agua cresilada a 4 0/0, levada ao lume até fazer papas.

SINAPISMOS. — Os *sinapismos* são feitos, diluindo a farinha de mostarda rapidamente, não em agua quente, mas fria ou levemente morna e estendendo estas papas sôbre um pano que logo se applica na região escolhida, fixo por meio de ligaduras, devendo ser retirado ao cabo de 2 a 4 horas. A dóse de mostarda regula por 1 quilo para os animais grandes.

PURGAS. — As *purgas* são muito usadas no tratamento dos animais. Algumas administram-se, dissolvidas na agua da bebida, como succede com o sulfato de soda, que o cavallo toma, na dóse de 500 gramas. Outras vezes o purgante deve ser dado sob a fórma de *beberagem*. Em regra, o purgante é administrado pela manhã em jejum, agasalhando-se devidamente o animal.

Para os animais herbívoros, os melhores purgantes são os salinos, como o sulfato de soda e o sulfato de magnesia. O sulfato de soda, na dóse de 50 gramas para o cavallo, não constitue um purgante, mas pôde ser dado todos os dias na bebida, para manter livre o ventre do animal.

Para o cão, o melhor purgante é o oleo de rícino, na dóse de 40 gramas para o animal adulto.

Para o porco serve tambem o oleo de rícino, na dóse de 100 gramas.

Aos poldros e vitelos dá-se o crémor tartrico, na dóse de 50 a 100 gramas, na bebida.

CLISTÉRES OU MÊSINHAS. — Os *clistéres* ou *mêsinhas* são tambem muito usados na medicina dos animais. Servem para purgar, para diminuir as dôres, etc. Os clistéres simples consistem em agua ordinária, fria ou morna, dada em doses de 6 li-

tros, para os grandes animais. Os clistéres purgativos são formados de agua, tendo em solução, por exemplo :

Sulfato de soda	150 gramas
Sene.....	80 »
A'loes	15 »
Agua	3 litros

Como calmante das dôres intestinais serve o seguinte clistéer:

Cloral.....	30 gramas
Agua.....	1 litro

Para combater as inflamações intestinais podemos usar qualquer dos clistéres seguintes:

Glicerina.....	50 gramas
Agua	500 »

Cozimento de sementes de linho	3 litros
Azeite.....	250 gramas

Os clistéres dão-se com uma seringa grande ou com um irrigador introduzido no anus.

INJECCÕES. — As *injecções hipodérmicas* ou *subcutâneas* são hoje muito empregadas no tratamento dos animais, porque numa pequena quantidade de agua encerram quasi sempre *alcaloides*, que são medicamentos, caros sim, mas muito activos e de efeitos seguros e prontos. Estas injecções exigem uma seringa apropriada, como, por exemplo, a de Pravaz, que se deve esterilizar antes de

servir cada vez, bastando para isso metê-la, cheia de agua, numa vasilha tambem com agua, que em seguida se faz ferver. O lugar escolhido para a injeccão é qualquer onde a péle facilmente se possa apanhar com os dedos, como, por exemplo, as tábuas do pescoço do cavallo; atraz das espáduas, nos bois; e na face interna da côxa, nos cães.

Antes de introduzir a agulha debaixo da péle, é necessario desinfectar esta com umas pinceladas de tintura de iodo. Convém verificar se a agulha, introduzida debaixo da péle, fica com a ponta livre, para que o líquido possa sair da seringa.

FUMIGAÇÕES OU INALAÇÕES. — As *inalações* ou *fumigações* servem a todos os animais. Fazem-se, deitando sôbre brasas certos medicamentos reduzidos a pó, como as bagas de zimbro, ou pondo ao lume uma vasilha com agua, que se leva á ebulição, podendo-se deitar na agua certos medicamentos vaporizaveis. Para facilitar a respiração dêstes gazes ou vapores, convém suspender da cabeça do animal um pano em fórmula de cilindro, tendo em baixo as brasas ou a vasilha de agua a ferver.

VESICATORIOS. — Os *vesicatorios*, erradamente chamados *causticos*, applicam-se sobre a péle da região em que desejamos fazer actuar certos medicamentos irritantes. Para isso tosquiámos primeiro a região, e em seguida applicamos o medicamento por meio dum pincel, dum pano ou dum pedaço de algodão, friccionando levemente e deixando sôbre a superficie uma camada do remedio. O animal deve ficar preso de maneira que não possa lamber o vesicatorio.

SANGRIAS.—Em toda a parte se encontra um ferrador ou um alveitar que, á falta de médico-veterinário, saiba sangrar os animais.

Antigamente abusava-se muito da sangria para todas as doenças; hoje está reconhecido que só

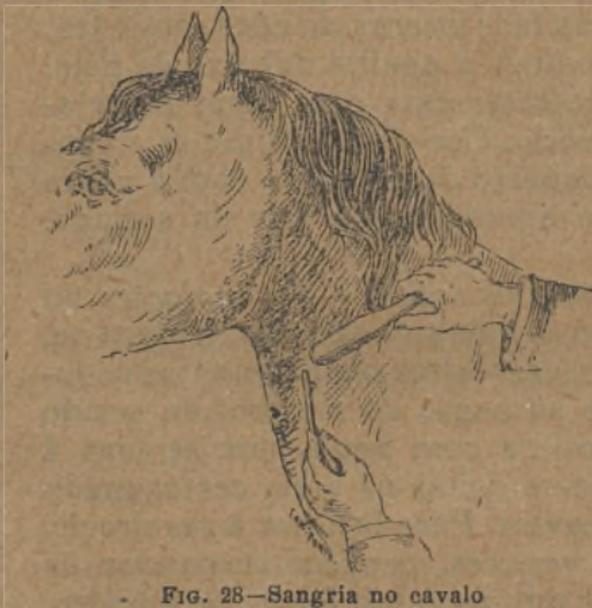


FIG. 28—Sangria no cavalo

se deve sangrar, quando a doença é congestiva, como, por exemplo, nas congestões pulmonares, cerebrais, intestinais, etc., e, mais raramente, no primeiro período de certas inflamações graves, como encefalite, pneumonia, etc.

Nos animais grandes faz-se a sangria na veia *jugular*, que se encontra nas tábuas do pescoço, a um e outro

lado, num sulco que vulgarmente se chama a *juguleira*. O instrumento usado para a sangria pôde



FIG. 29—Maço e flame de sangria

ser uma simples lanceta ou um instrumento especial chamado *flame*; sôbre este último bate-se

com um maço, para que o ferro atravessasse a pele e a parede da veia. Deve-se pôr um dedo abaixo do ponto em que se sangra, e nos bois convém até aplicar uma corda á roda do pescoço, para pôr mais em relêvo a jugular.

Nos animais grandes tiram-se 4 a 8 litros de sangue, conforme os casos.

Nos animais pequenos pôde fazer-se a sangria também na veia jugular, ou na *radial*, que fica na face interna do antebraço; mas no porco preferem-se as veias delgadas da orelha ou da cauda.

Terminada a sangria, tira-se o dedo que comprimia a veia e o sangue cessa imediatamente de correr, bastando passar depois um alfinete que atravessasse as bordas da ferida da pele, e enrolar em tórno das duas extremidades do alfinete uma crina ou um fio de retroz, desinfectados.

Tanto antes como depois da sangria, deve-se desinfectar a pele com uma pincelada de tintura de iodo.



FIG. 30—Sangria no boi



FIG. 31
Nó de sangria e sua
aplicação

SEDENHOS. — Antigamente usava-se muito o sedenho no tratamento dos animais; hoje essa prática está quasi posta de parte, porque o sedenho, isto é, uma mecha, de es-

tôpa ou de algodão, introduzida numa ferida da péle, ou numa fistula artificial, expõe ás vezes o doente a infecções perigosas. Em vez dos sedenhos, fazem-se hoje, de preferencia, os *abscessos de fixação*.

ABCESSOS DE FIXAÇÃO. — Estes abscessos artificiais produzem bons efeitos curativos e não tem os inconvenientes do *sedenho*. Para se obter um abscesso de fixação, basta injectar debaixo da péle uma porção de essência de terebintina. O lugar escolhido para essa injeccção varia com a séde da doença; contra a pneumonia e outras molestias do peito, prefere-se a região do peitoral, injectando aí, para os animais grandes, em cada lado, 10 gramas de essência de terebintina, e para os pequenos animais 1 a 2 gramas, repetindo a dóse, se ao cabo de 2 dias os abscessos não estiverem formados.

Contra as claudicações ou manqueiras, fazem-se os abscessos de fixação perto da região lesada. Em todos os casos, começa-se por cortar os pêlos, lavar e ensaboar a péle, que, depois de enxuta, se desinfecta com um pincel embebido em tintura de iodo.

Quando os abscessos de fixação estão volumosos e se sente o pus fluctuar dentro dêles, o que succede ao quarto ou quinto dia, puncionam-se com uma lanceta e espremem-se cuidadosamente para lhes extrair o pus, repetindo essa extracção nos dias seguintes, enquanto houver líquido purulento, terminando sempre a operação por uma injeccção de agua de borato de soda a 3 ‰, lavando exteriormente a ferida com a mesma agua e applicando sôbre ela um penso apropriado.

VI

Medicamentos

Quem possui animais deve ter sempre em casa alguns medicamentos dos mais vulgarmente usados. Indicaremos os principaes.

PLANTAS MEDICINAIS. — Os ervanarios vendem habitualmente estas plantas; mas os agricultores podem tê-las nas suas herdades, quando longe dos povoados, para servirem em ocasião oportuna. Assim, convém ter guardadas plantas sêcas, tais como: malvas, salva, macela ou camomila, parietária ou alfavaca de cobra, folhas de noqueira, cascas de carvalho, de salgueiro e de choupo, chicória brava, flôres de tilia, de sabugueiro, de borragem, sementes de linho, de dormideiras, de cevada e de mostarda preta, raizes de altêa e de grama, bagas de zimbro, pós de quina, de alcaçuz, de genciana, de digital ou dedaleira, etc.

MEDICAMENTOS DIVERSOS. — Em frascos bem rolhados, é útil ter muitos outros medicamentos,

tais como: amoníaco, acetato de amoníaco, carbonato de amoníaco, bicarbonato de soda, canfora, iodoformio, crémor tártrico, borato de soda, bicloreto de mercurio ou sublimado corrosivo, cresil ou creolina, iodeto de potassio, essência de terebintina, éter sulfúrico, sulfato de cobre, carbonato de ferro, sulfato de ferro, acetato de chumbo, enxofre, sulfato de soda, azotato de potassio, óleo de rícino, pomadas vaselinadas de beladona, de canfora, de populeão, de altéa, de iodeto de potassio, pomada mercurial, unguento vesicatorio, etc.

Estes e outros medicamentos, comprados em boas drogarias e devidamente guardados em casa do lavrador, tornam-se muito mais economicos e servem para os casos de urgencia.

INDICE ALFABÉTICO

A

	Pág.
Abcessos de fixação	112
Aberração do gosto. <i>V. Picacismo</i>	44
Amarelidão das mucosas e da pele. <i>V. Ictericia,</i> <i>Anemia</i>	48, 77
Anemia	77
Angina faríngea	27
> laríngea	59
Apetite (Falta de) <i>V. Gastrite, Enterite, etc.</i>	28, 30
Articulações inchadas e doridas. <i>V. Reumatismo</i>	97
Ascite	51
Aventamento	34

B

Barriga de água. <i>V. Ascite</i>	51
Beberagens	105
Bebidas	104
Bexiga (Inflamação da)	81
Bôca (Inflamação da)	25
Bôlos	106
Bronquios (Inflamação dos)	62
Bronquite	62
> verminosa	64

C

Cardiopatias	74
Cataplasmas	106
Cenurose	95
Cerebro (Inflamação do)	91
Chave das doenças	15
Cio. <i>V. Ninfomania, Esterilidade.</i>	83, 86
Cistite	81

	Pág.
Clistéres	107
Cólicas	39
Colutórios	26, 27
Compressas	106
Congestão dos pulmões	67
Conjuntivas injectadas. <i>V. Cólicas, Meteorismo, Peritonite, Pneumonia</i>	34, 39, 49, 65
Convulsões. <i>V. Epilepsia, Tornéo</i>	94, 95
Coração (Doenças do).	74
Coriza	56
Corrimento nasal. <i>V. Coriza, Angina, Bronquite</i>	27, 56, 62

D

Defecação difficil. <i>V. Cólicas, Enterite, etc.</i>	30, 39
Diarréa. <i>V. Enterite</i>	30
Doenças (Chave das)	15
Dóses dos medicamentos.	103

E

Edemas. <i>V. Anemia, Cardiopatias</i>	74, 77
Electuarios	104
Emmagrecimento. <i>V. Anemia, Verminose Intestinal</i>	45, 77
Encefalite	91
Enfisema pulmonar	71
Enterite.	30
Entrefolho. <i>V. Gastrite</i>	28
Envenenamentos	52
Epilepsia	94
Epistaxis. <i>V. Coriza</i>	56
Espinha arqueada. <i>V. Netrite, Peritonite</i>	49, 78
Espinal medula (Inflamação da)	92
Esterilidade	83
Estômago (Inflamação do)	25
Estomatite	25

F

Faringite	27
Febre puerperal	87

	Pág.
Ferrujão. <i>V. Hematuria</i>	81
Fixação (Abscessos de)	112
Fumigações.	109

G

Gastrite	28
Gemidos. <i>V. Cólicas, Peritonite</i>	39,
Gosto (Aberração do). <i>V. Picacismo</i>	44

H

Helminthiase intestinal	45
Hematúria	81
Hemoglobinémia	81
Hidropisia	51

I

Icterícia	48
Ilhal aventado. <i>V. Meteorismo</i>	34
Imobilidade	90
Impotencia	83
Inalações	109
Inapetencia. <i>V. Gastrite, Enterite</i>	28,
Inflamação da bôca. <i>V. Estomatite</i>	25
> da bexiga. <i>V. Cistite</i>	81
> dos brônquios. <i>V. Bronquite</i>	62
> do encéfalo. <i>V. Encefalite</i>	91
> da espinhal medula. <i>V. Mielite</i>	92
> do estômago. <i>V. Gastrite</i>	28
> dos intestinos. <i>V. Enterite</i>	30
> da laringe. <i>V. Laringite</i>	59
> das meninges. <i>V. Meningite</i>	91
> do pericardio. <i>V. Pericardite</i>	76
> do peritoneu. <i>V. Peritonite</i>	49
> da pituitária. <i>V. Coriza</i>	56
> da pleura. <i>V. Pleurisia</i>	69
> dos pulmões. <i>V. Pneumonia</i>	65
> dos rins. <i>V. Nefrite</i>	78
Ingurgitamento da garganta. <i>V. Angina</i>	27,
Injecções	108
Insolação	93

Intestinos (Inflamação dos). <i>V. Enterite</i>	Pág. 30
---	---------

L

Laringe (Inflamação da). <i>V. Laringite</i>	59
Laringite	59
Lingua saburrosa. <i>V. Gastrite</i>	28

M

Medicações usuais	103
Medicamentos	113
Medula espinhal (Inflamação da). <i>V. Mielite</i>	92
Meninges (Inflamação dos). <i>V. Meningite</i>	91
Meningite	91
Meningo-encefalite	91
Mêsinhas	107
Meteorismo	34
Micção difícil <i>V. Cólicas, Cistite, Nefrite, Peritonite</i>	39, 49, 78
Mielite	92
Músculos inchados e doridos. <i>V. Reumatismo</i>	97

N

Nariz (Inflamação da mucosa do)	56
Nefrite	78
Ninfomania	86

O

Ossos deformados. <i>V. Raquitismo, Osteomalácia</i> , 99,	100
Osteomalácia	100

P

Paralisia das parturientes. <i>V. Febre puerperal</i>	87
Paralisia dos membros posteriores. <i>V. Febre puerperal, Hemoglobinemia, Mielite, Reumatismo</i>	81, 87, 92,
Parte (Febre do). <i>V. Febre puerperal</i>	87
Pericardite traumática	76
Peritoneu (Inflamação do)	49

	Pág.
Peritonite	49
Picacismo	44
Pílulas	106
Piroplasmose. <i>V. Hematúria</i>	81
Pituitária (Inflamação da). <i>V. Coriza</i>	56
Plantas medicinais	113
Pleura (Inflamação da). <i>V. Pleurisia</i>	69
Pleurisia	69
Pneumonia	65
Poções	105
Prisão do ventre. <i>V. Cólicas, Enterite, Gastrite, Peritonite</i>	28, 30, 39, 49
Puerperal (Febre)	87
Pulmoeira	71
Pulmões (Congestão dos)	67
> (Inflamação dos)	65
Purgas	107

R

Raquitismo	99
Rejeição dos alimentos e bebidas pelas ventas. <i>V. Faringite</i>	27
Respiração difícil. <i>V. Aventureamento, Cólicas, Pleurisia, Peritonite, Pneumonia, Pulmoeira, etc.</i>	31, 39, 49, 65, 69, 71
Respiração sobressalta ou entrecortada. <i>V. Pulmoeira</i>	71
Reumatismo	97
Rinite. <i>V. Coriza</i>	56
Rins doloridos. <i>V. Mielite, Nefrite</i>	78, 92
> derreados. <i>V. Hemoglobinemia, Mielite, Febre puerperal, etc.</i>	81, 87, 92
Ruminação (Falta de). <i>V. Gastrite, Enterite, Pericardite traumática, etc.</i>	28, 30 76

S

Salivação abundante. <i>V. Angina, Estomatite, etc.</i>	25, 27
Sangrias	110
Satiríase	86
Saúde (Sinais de)	7

	Pág.
Sêde viva. <i>V. Angina, Estomatite, Gastrite, Enterite</i>	25, 27, 28, 30
Sedenhos	111
Septicémia do parto. <i>V. Febre puerperal</i>	87
Sinaes de doença	13
» » saúde	7
Sinapismos	107
Sintomas (Grupos de)	16
Sufocação	93

T

Timpanismo	34
Tornéo	95
Torpor. <i>V. Meningo-encefalite, Imobilidade</i>	90, 91
Tosse. <i>V. Angina, Bronquite, Pleurisia, Pneumonia</i>	27, 59, 62, 65, 69

U

Urinas escuras ou sanguinolentas. <i>V. Cistite, Hematúria, Hemoglobinémia, Nefrite</i>	78, 81
Urinas raras. <i>V. Cistite, Cólicas, Nefrite, Peritonite</i>	39, 49, 78, 81

V

Vágado. <i>V. Tornéo</i>	95
Vermelhidão da bôca. <i>V. Estomatite</i>	25
Vermes. <i>V. Verminose</i>	45
Verminose intestinal	45
» dos bronquios	64
Vertigens. <i>V. Meningo-Encefalite, Tornéo, Verminose intestinal</i>	45, 91, 95
Vesicatorios	109
Vômitos. <i>V. Envenenamentos, Gastrite, Peritonite</i>	28, 49, 52

INDICE METODICO DAS MATÉRIAS

PREFÁCIO	Pág. 3
---------------------------	-----------

I

SINAIS DE SAÚDE	7
----------------------------------	---

II

SINAIS DE DOENÇA	13
-----------------------------------	----

III

CHAVE DAS DOENÇAS	15
------------------------------------	----

IV

DESCRIÇÃO DAS DOENÇAS	25
--	----

Doenças do aparelho digestivo

Estomatite ou inflamação da bôca	25
Angina faríngea, faringite ou inflamação da faringe	27
Gastrite ou inflamação do estômago	28
Enterite ou inflamação dos intestinos	30

	Pág.
Meteorismo, timpanismo ou aventamento	34
Cólicas	39
Picacismo ou aberração do gôsto	44
Verminose ou helmintíase intestinal	45
Icterícia	48
Peritonite ou inflamação do peritoneu	49
Ascite, hidropisia ou barriga d'agua	51
Envenenamentos	52

Doenças do aparelho respiratório

Coriza, rinite ou inflamação da pituitária	56
Angina laringea, laringite ou inflamação da laringe	59
Bronquite ou inflamação dos bronquios	62
Bronquite verminosa	64
Pneumonia ou inflamação dos pulmões	65
Congestão pulmonar	67
Pleurisia ou inflamação da pleura	69
Pulmoeira ou enfisema pulmonar	71

Doenças do aparelho circulatório

Cardiopatias ou doenças do coração	74
Pericardite traumática	76
Anemia	77

Doenças do aparelho urinário

Nefrite ou inflamação dos rins	78
Cistite ou inflamação da bexiga	81
Hematúria e hemoglobinémia	81

Doenças do aparelho genital

Impotencia e esterilidade	83
Satiriase e ninfomania	86
Febre puerperal ou septicémia e paralisia das parturientes	87

Doenças do aparelho nervoso

	Pág.
Imobilidade	90
Meningo-encefalite ou vertigem cerebral	91
Mielite ou inflamação da espinhal-medula	92
Sufocação e insolação	93
Epilepsia	94
Tornéio, vágado ou cenurose	95

Doenças do aparelho locomotor

Reumatismo	97
Raquitismo	99
Osteomalácia	100

V

MEDICAÇÕES USUAIS

Dóses dos medicamentos	103
Electuários	104
Bebidas	104
Beberagens	105
Poções	105
Pílulas e bôlos	106
Compressas	106
Cataplasmas	106
Sinapismos	107
Purgas	107
Clisteres ou mèsinhas	107
Injecções	108
Fumigações ou inalações	109
Vesicatorios	109
Sangrias	110
Sedenhos	111
Abcessos de fixação	112

VI

MEDICAMENTOS

	Pág.
Plantas medicinais	113
Medicamentos diversos	113
INDICE ALFABÉTICO.	115
INDICE METÓDICO DAS MATÉRIAS.	121



CONSELHO DE QUÍMICA
MOMENTO DE CRIAÇÃO

Livraria do «Lavrador»

LIVRINHOS JÁ PUBLICADOS:

I—Manual do Podador (3.^a edição), 700 réis; II—Doenças das Videiras, (3.^a edição), 700 réis; III—Doenças das Fructeiras, (3.^a edição), 1\$000 réis; IV—O vinho: como se faz e conserva, (2.^a edição), 800; V—O Desengace, 800; VI—Adubações, (2.^a edição), 800; VII—Manual do Enxertador, (2.^a edição), 800; VIII—Cultura da Batata, (3.^a edição), 800; IX—Oliveira, (2.^a edição), 800; X—O Azeite, 800; XI—O Milho, cultura aperfeiçoada, (2.^a edição), 700; XII—Animaes uteis ao lavrador, 800; XIII—Animaes nocivos ao lavrador, 1\$200; XIV—As Hortas, sua cultura racional, (2.^a edição), 1\$200; VX—Os Pomares, (2.^a edição), 1\$400; XVI—A capoeira, (2.^a edição), 1\$200; XVII—O Gado, 800; XVIII—Guia do Lavrador, 400; XIX—Botanica e Agricultura, 800; XX—Prados e Pastagens, 800; XXI—Doenças internas, não contagiosas, dos animaes domesticos, 1\$200; XXII—Doenças externas, não contagiosas, dos animaes domesticos, 1\$400; XXIII—Doenças contagiosas e parasitarias dos animaes domesticos, 1\$400; XXIV—O Bicho da Seda, 700; XXV—A Agua, como se procura nos terrenos, 800; XXVI—Construcções Agricolas, 800; XXVII—O Trigo, como se obtem grande rendimento, 800; XXVIII—Os pinhaes, como se conservam, como se augmentam, 800; XXIX—As Abelhas, 800; XXX—Ervas más, 800; XXXI—Jardinagem, 800; XXXII—Eucaliptos e Acacias, 800; XXXIII—Conservação dos Productos Agricolas, 800; XXXIV—Contas do Lavrador, 800; XXXV—A Vinha, 1\$400; XXXVI—Machinas Agricolas, 1\$400; XXXVII—Coelho Domestico, 2\$500.

Vinificação Moderna—(esgotado); Viticultura Moderna (2.^a edição), 22\$500 réis.

Vulgarização Apicola—Trez livrinhos com trinta photographias explicativas, e trinta postaes illustrados.



RÓMULO

CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA



1329709364

Cimento Portland

== ARTIFICIAL ==

LIZ

Em barricas de 180 kgs. e sacos de 50 kgs.

== EM ARMAZEM ==

Empreza de Cimentos de Leiria

FILIAL DO NORTE:

Rua Formosa, 297—PORTO

TELEFONIO, 2693

SEDE:

Rua do Caes de Santarem, 64-1.º—LISBOA

AGENCIAS NA PROVINCIA

OURIVESARIA ALLIANÇA

Premiada com o **GRAND-PRIX** na Exposição
::: Internacional do Rio de Janeiro de 1922 :::

: TELEFONE, 1541:
TELEGRAMAS: «JOIAS»

**A QUE MAIS BARATO VENDE
A QUE MAIS CARO COMPRA
OURO**

PRATAS

JOIAS

OFFICINAS PROPRIAS

Celestino da Motta Mesquita

197, 199, RUA DAS FLORES, 201, 203

PORTO

DEPOSITO E FILIAL NO RIO DE JANEIRO

Rua da Quitanda, 96